



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

LARISSA MARIANO VIEIRA

FUTEBOL: DO SONHO DO JOGO AO JOGO DO MERCADO

**FLORIANÓPOLIS/SC
2016/2**

LARISSA MARIANO VIEIRA

FUTEBOL: DO SONHO DO JOGO AO JOGO DO MERCADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Prof. Dr. Ricardo Lara

**FLORIANÓPOLIS/SC
2016.2**

Dedico esta vitória a Deus, pois sem Ele eu não teria forças para aguentar essa longa jornada e à minha amada avó materna, que não está mais em nosso meio, mas estará sempre viva em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Dr. Ricardo Lara por ter aceitado o convite para orientar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), por toda paciência e dedicação concedida em todos os momentos e pelo excelente profissional que é;

À instituição Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, bem como à equipe profissional que a compõe, em especial aos professores e funcionários do Departamento de Serviço Social;

À minha mãe, mulher guerreira que me ajudou em cada passo da minha vida e está do meu lado a todo instante, para o que der e vier. Obrigada pelo apoio e por segurar minha mão, sempre que pensei em desistir. Seu cuidado e dedicação em tantos momentos alimentaram a esperança para que eu continuasse firme nessa trajetória;

Aos amigos que fiz na universidade, tanto aos que entraram comigo em 2013/1 quanto aos que fui fazendo ao longo desse longo período árduo que passei pela UFSC. Em especial, as “manas”:Jully, Ana Karenina, Juliana, Thaynara e Tayara por toda compreensão, carinho e pelos momentos compartilhados;

Ao Avaí Futebol Clube,em especialà supervisora de campo Angelita de Oliveira Costa e a psicóloga Fernanda Schweitzer, meu muito obrigada por me darem a chance de estagiar nessa instituição e por esse ano de valiosas aprendizagens e oportunidades;

Agradeço a Daniel Carvalho, que entende muito de futebol e me ajudou nesta etapa final;

A todos, muito obrigada. Vocês foram e são essenciais para que eu alcançasse mais esse objetivo.

*“O futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia”
Millôr Fernandes*

VIEIRA, Larissa Mariano

Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado / Larissa Mariano VIEIRA ; orientador, Ricardo Lara - Florianópolis, SC, 2016.

63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico. Graduação em Serviço Social. Inclui referências.

Serviço Social. Lara, Ricardo. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Serviço Social.

RESUMO

Milhares de crianças e adolescentes sonham com a possibilidade de serem jogadores de futebol. Até que ponto este sonho é almejado e concretizado e, também, como a família interfere? Este trabalho estudou a formação dos atletas das categorias de base do Centro Técnico de Formação do Avaí Futebol Clube (CETEFA), buscando refletir sobre as expectativas do atleta e da família em relação ao seu futuro, pois o futebol é almejado como ascensão social, devido à mídia o apresentar como algo fictício e que faz os atletas enriquecerem da noite para o dia. O futebol produz sonhos, mas há contradições por trás de toda especulação e ilusão do mundo da bola. Através da pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com profissionais das categorias de base, atletas e familiares e, como estagiária do Serviço Social, acompanhamos os jovens no CETEFA. Este trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, resgatamos o contexto histórico do futebol no Brasil e no mundo e a implementação do profissionalismo no mundo da bola; no segundo, foi efetuada uma análise da formação do jovem atleta, quanto à sua formação nas categorias de base, à expectativa dos atletas referente ao futuro profissional e por fim, à expectativa dos pais em relação ao futuro do atleta.

Palavras Chave: Categorias de base. Formação de atletas. Futebol. Sonhos e ilusões. Famílias.

ABSTRACT

Thousands of children and adolescents have the possibility of being football players. This work studied the training of the athletes of the basic categories of the Technical Training Center of Avaí Futebol Clube (CETEFA), in order to reflect on the expectations of the athlete and the Family in relation to its future, because football is aimed at ascent social, due to the media presenting it as something fictitious and that makes the athletes enrich overnight. Football produces dreams, but there are contradictions behind all the speculation and illusion of the world of the ball. Through the research, we conduct semi-structured interviews with professionals of the basic categories, athletes and family and, as trainee of Social Work, we accompany the youth in CETEFA. This work is organized in two chapters. In the first, we recover the historical context of soccer in Brazil and in the world and the implementation of professionalism in the world of the ball; In the second, an analysis was made of the training of the young athlete, regarding their formation in the basic categories, the athletes' expectation regarding the professional future and, finally, the parents' expectations regarding the future of the athlete.

Keywords: Basic categories. Training of athletes. Soccer. Dreams and illusions. Families.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUTEBOL E SOCIEDADE: SONHOS E ILUSÕES	11
1.1 O FUTEBOL NA SOCIEDADE	12
1.2 O FUTEBOL NO BRASIL.....	20
1.3 PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL.....	23
2 AS DIVISÕES DE BASE E O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO: DO INÍCIO DO JOGO AO APITO FINAL	32
2.1 CENTRO TÉCNICO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DO AVAÍ F.C	32
2.1.1 O Serviço Social na instituição	35
2.1.2 A interação entre a equipe multidisciplinar e os futuros jogadores profissionais	37
2.2 EXPECTATIVAS FAMILIARES EM RELAÇÃO AO FUTURO DE SEUS FILHOS	42
2.3 PERSPECTIVAS DOS ATLETAS EM RELAÇÃO AO FUTURO NO FUTEBOL.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE I – roteiro de questionário para pesquisa interdisciplinar nas Categorias de Base do Futebol	62

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso com o título: “Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado”, consiste em requisito obrigatório parcial para aquisição do título de bacharel em Serviço Social.

Esta pesquisa teve como objetivo estudar a formação dos atletas das categorias de base do Centro Técnico de Formação do Avaí Futebol Clube, Florianópolis/SC, buscando refletir sobre as expectativas do atleta e da família em relação ao seu futuro profissional no futebol.

A escolha do tema de estudo deu-se a partir da experiência no estágio curricular desenvolvido pela aluna no Avaí Futebol Clube, em Florianópolis (SC).

O futebol é o esporte que alimenta sonhos em muitas crianças e jovens pelo mundo, sendo ele responsável por uma paixão que mobiliza milhões de pessoas. No Brasil tornou-se a conexão entre as massas, paixão nacional, quebrando barreiras sociais, econômicas e raciais entre as décadas de 1950 e 1960. O futebol tornou-se fundamental para a sociedade brasileira, sendo protagonista de mudanças econômicas, políticas e culturais, por vezes interferindo nos rumos do país, através do que acontecia nos campos. Com a passagem do futebol para futebol-empresa, o espetáculo, com a ajuda da grande mídia ganha mais força do que já tinha no território nacional, despertando sonhos em milhares de crianças, adolescentes e jovens de classes populares em se tornarem jogadores de futebol, na busca de melhores condições de vida. Não obstante, a “questão social” no Brasil é assunto de análises do Serviço Social, a qual, não tem como ignorar as refrações no futebol, principalmente em razão de muitos jogadores virem de classes populares, buscando uma repentina mudança de vida através do mundo da bola.

Jogar bola é paixão de muitas crianças e jovens, mas para chegar ao futebol profissional é preciso driblar muitas barreiras. Frente a isso, o jovem que deseja seguir esta profissão precisa estar ciente da verdadeira realidade do futebol, realidade esta que a mídia não transmite, sendo que não é preciso

desmotivá-los, mas alertá-los sobre os enfrentamentos que passarão ao longo da profissão.

Foram apresentados resultados de pesquisa bibliográfica sobre os principais aspectos que envolvem o tema, bem como resultados de entrevistas semiestruturadas realizadas junto aos atletas das categorias de base e seus familiares (pai, mãe e/ou responsáveis), profissionais do Centro Técnico de Formação, sendo eles: coordenador das categorias de base, psicóloga, treinador, assistente social e um empresário. As entrevistas permitiram aprofundar o conhecimento sobre as características do trabalho dos profissionais nos centros de formação de atletas e possibilitou compreender a trajetória dos jovens que desejam o futebol como carreira profissional.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo contextualiza a história do futebol no mundo, relatando seu desenvolvimento até os dias atuais, bem como, a trajetória do futebol no Brasil, como esta modalidade tornou-se a paixão da nação e também, a influência do capitalismo no futebol por meio do profissionalismo.

No segundo capítulo, apresentamos o Centro Técnico de Formação de Atletas do Avaí Futebol Clube, bem como analisamos as expectativas das famílias e dos atletas em relação ao futuro profissional. Muitos atletas chegam aos clubes de futebol pelo incentivo das famílias e com o sonho de através desta modalidade ganhar dinheiro rápido para dar uma condição melhor aos familiares, mas a vida de um atleta de formação de base não é tão fácil como muitos idealizam.

Assim, discorreu-se neste trabalho o tão idealizado sonho de ser jogador de futebol e, com isso, emergiu o imperativo do jogo do mercado. Esta questão remete-se ao alto rendimento econômico dos clubes através do espetáculo e a formação de atletas, estes como possíveis mercadorias que podem trazer retornos financeiros em possíveis transferências entre os clubes/empresas do futebol.

1 FUTEBOL E SOCIEDADE: SONHOS E ILUSÕES

O futebol caracteriza-se como esporte global, estando presente na vida de muitas pessoas, continentes e nacionalidades, direta ou indiretamente. Esse esporte é um fenômeno cultural que possui suas raízes na sociedade. Segundo Durham *apud* Daolio (2003, p.138), “A cultura constitui o processo pelo qual os homens dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana”. Dessa forma, o futebol obtém significados que são construídos historicamente, simbolicamente e socialmente no contexto em que está inserido.

O futebol como um fenômeno sociocultural não fica isento das diversas modificações ocasionadas ao redor de suas territorialidades, tendo o amadorismo como a nascente e, posteriormente, o profissionalismo, transformando elementos culturais em mercadoria.

O “jogo de bola” com os pés é um dos grandes eventos que reúne milhares de pessoas, sendo ele causador de diversas emoções, pois é, sem dúvidas, uma das grandes paixões da humanidade e faz com que milhares de pessoas discutam o tema referente ao seu time de preferência.

Sobre esse aspecto, Marques (2003, p. 49) faz a seguinte afirmação:

Há, inclusive, uma corrente que diz que daí vem o verdadeiro sentido da palavra torcedor. Alguém que, entorpecido por uma paixão que invade sua alma, a ponto de muitas vezes cegá-lo, de dificultar-lhe a visão quando a situação não o favorece, torce os fatos, as evidências, a fim de que seu clube sempre esteja por cima, o pavilhão intocável, cujas façanhas passadas têm o poder de enevoar um presente que, por vezes, não condiz com uma história tão gloriosa.

Assim é o torcedor brasileiro, “entorpecido por uma paixão que invade sua alma”. O futebol é o principal e mais popular esporte do Brasil, tornando-se o maior fenômeno social, que por vezes representa a identidade nacional e possui grande importância política.

De acordo com HELAL (1997, p. 25): por meio do futebol a sociedade brasileira vivencia o sentimento peculiar de totalidade e unificação, recobrando-se de sentimentos universais com capacidade de mobilização e gerador de idolatria entre milhares de pessoas, transformando aparentemente em iguais,

indivíduos das mais diversas classes sociais, por meio de discussões informais e demonstrações de afinidades relativas a essa paixão, em todos os cantos do país.

Hoje, os torcedores podem acompanhar os jogos através da televisão, meio esse que aproxima a cada dia mais a nação deste esporte que se tornou popular nos quatro cantos do mundo.

O futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontra para se expressar. É uma maneira de o homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como, paixão, ódio, fidelidade, felicidade, tristeza, prazer, dor, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras (DAMATTA, 1997).

Entretanto, esta modalidade que ganhou os corações da multidão, é praticado desde 2500 a.C., conforme relatam historiadores, o jogo era praticado na China como um treinamento aos soldados. Na Grécia Antiga, também foi evidenciado esta modalidade, no período chamado de Epyskiros, quando duas equipes de quinze pessoas chutavam uma bexiga de boi cheia de areia (PIVATTO, 2011).

Contudo, o futebol que hoje se conhece e considerado atividade recreativa, sendo jogado em diversos espaços e por todas as classes sociais, teve início apenas a partir do século XIX (PRONI, 2000).

1.1 O FUTEBOL NA SOCIEDADE

O futebol é um dos esportes mais populares e praticados em todo mundo. Conhecido pelo seu jeito “simples” de jogar, o futebol logo ganhou seu espaço ao redor do mundo.

O termo futebol já era conhecido desde o período medieval, porém tendo a palavra *foot-ball* como designação de todos os jogos populares que utilizasse algum tipo de bola e que possuíssem grupos para efetivação da disputa, sendo que em cada localidade as modalidades possuíam suas próprias regras e sua própria maneira de jogar.

O jogo de bola tem sua gênese no século XII quando as populações de várias cidades inglesas comemoravam durante os anos a expulsão do exército

dinamarquês de suas cidades chutando uma bola de couro a qual simbolizava a cabeça do comandante do exército expulso, porém esta comemoração foi proibida pelo reinado de Eduardo II devido a modalidade desfalcar seu exército, pois neste período era permitida no jogo a utilização da violência bruta causando graves ferimentos e levando muitos soldados a óbitos. O “esporte” foi liberado novamente após a restauração da monarquia, sendo permitido a prática do futebol naquele país.

Conforme os autores Elias e Dunning *apud* Proni (2000, p. 21-22),

Não é improvável que a razão primordial pela qual os documentos medievais se referiam a alguns destes jogos locais como nome de ‘futebol’, enquanto outros eram conhecidos por nomes diferentes, fosse o fato de que se jogavam com objetos distintos [...] De fato, alguns documentos medievais falam de jogar com um balão de couro, ‘com um futebol, não de ‘jogar futebol’. [...] Porém não há razões para supor que o futebol medieval só era impulsionado com os pés nem, igualmente, que o *handball* o fosse só com a mão. [...] Porque as características elementares – o jogo concebido como luta entre grupos distintos, o franco e espontâneo desfrutar da batalha, o descontrole tumultuado e o nível relativamente alto de violência física socialmente tolerada – eram, pelo que se vê, sempre as mesmas. Igualmente o era a tendência a romper as regras costumeiras, fossem quais fossem, sempre que os jogadores se vissem movidos pelas paixões.

Na Itália, há uma competição denominada *Cálcio*, que nasceu no século XVI e até hoje é praticada. Esta competição foi intitulada por muitos pesquisadores como a primeira versão do futebol moderno, sendo que, na Inglaterra, havia um jogo que era praticado com características parecidas com o *Calcio*, e era denominado como *Hurling*. Este jogo era praticado desde o ano de 1300, com isso a Inglaterra é considerada o berço do futebol moderno. Entretanto, os futebolis que hoje conhecemos com árbitros, regras regulamentadas, leis e associações esportivas nascem apenas no século XIX, quando o jogo de futebol ganha proporções no continente europeu e se difunde para as demais regiões que tinham representações britânicas. Com isso, esta modalidade ganha popularidade, deixando de ser uma atividade pitoresca e tornando-se uma arena de competições entre seleções de distintos países (LIMA, 2002).

Na Inglaterra, o esporte ganhou espaço na segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, sendo parte de um processo civilizador a qual a prática do esporte não é apenas uma mera atividade física

para agradar a grande massa, mas um “mecanismo de controle das emoções, condizentes com um comportamento individual mais refinado.” (PRONI, 2000, p. 23).

Naquele período, os jogos eram praticados pelas classes populares, pois o futebol era considerado um jogo de atividade truculenta devido à tamanha violência ao praticá-lo. Entre 1810 e 1840, o futebol começa a ser praticado por alunos internos das escolas públicas na Inglaterra, sendo que o jogo não era aconselhado aos alunos e havia grande resistência dos professores das escolas. Conforme o cientista social Pociello *apud* Proni (2000, p. 23), na época, “O futebol é então considerado como indigno de um *gentleman*.”

A aristocracia preferia outros tipos de jogos, pois o futebol e o *Rugby* (jogo que possuía uma raiz em comum com o futebol, são parecidos, porém o *Rugby* pode ser jogado com as mãos e com os pés diferentes do futebol que são utilizados apenas os pés) eram considerados jogos praticados por pessoas “sem cultura”.

Segundo consta, a transformação do “jogo das multidões” em esporte escolar e a sua difusão ocorreram de maneira espontânea, pela iniciativa dos alunos de escolas secundárias, apesar das restrições à sua prática. Note-se que se conformaram distintas concepções de atividade esportiva. Assim, enquanto escolas mais conservadoras (como Eton) eram priorizados os esportes individuais aristocráticos e o *cricket*, nas escolas mais liberais (como Rugby) os novos esportes tinham maior receptividade. E possivelmente o futebol passou a ser tolerado no interior das escolas porque tratava-se de uma atividade que mantinha os alunos ocupados e permitia-lhes canalizar sua agressividade sem maiores danos (PRONI, 2000, p. 23).

O futebol ganha seu espaço na Inglaterra a partir do século XIX, período este em que o país enfrenta a primeira Revolução Industrial. Durante a Revolução, a Inglaterra possuía duas classes sociais, sendo elas: a burguesia e a classe operária. No início do século XIX, o futebol era praticado como recreação apenas nos bairros de classe burguesa, pois não se pensava em profissionalização. Já a classe operária começou a praticar o futebol a partir da metade do século, onde o jogo era praticado em seus momentos livres de trabalho ao lado das fábricas, porém era necessária a criação de regras para tal modalidade, pois neste período o esporte ainda possuía um caráter violento, levando a classe operária a uma queda nas suas produções devido às lesões e os cansaços, prejudicando o aumento do lucro das fábricas burguesas (LIMA,

2002). Portanto, era necessária a regulamentação dos jogos assim como fora feito nas escolas para torná-los menos violentos.

O futebol se tornou uma forma de identificação para as massas trabalhadoras das grandes cidades inglesas. Os times se tornaram muito mais do que times, se tornaram um objeto em que as pessoas encontravam o seu igual, encontravam seus objetivos e sonhos, tão arraigados pelo trabalho árduo nas fábricas durante a semana. O futebol faz com que todos saiam ganhando. Tanto as grandes massas, que encontram nele certa identidade, quanto pela burguesia, que o utiliza para regulamentar a sociedade e a massa proletária. (LIMA, 2002, p. 9).

O futebol passou a ganhar força com a Revolução Industrial, os burgueses triunfaram com a regulamentação dos jogos e os operários levavam consigo este esporte por onde passavam. Os operários o ensinavam para o povo nas mais diversas cidades. Assim, o futebol britânico tornou-se um esporte de massa na Inglaterra, sendo partilhado e divulgado com os demais países, conforme afirma Mascarenhas (1998, p. 95):

O futebol, como produto importado do Reino Unido, não se espalhou pelo mundo senão pela ação quase sempre involuntária de trabalhadores ingleses e escoceses que preenchiam seu tempo livre em terras estranhas praticando seu esporte preferido. Nesta dinâmica, o futebol foi 'semeado' prioritariamente nos locais de maior conexão com os interesses do imperialismo britânico.

Alguns times compostos por funcionários de empresas começaram a ser formados, como foi o caso do *Arsenal* e do *Manchester United*, sendo bancados por seus patrões. Porém, neste período ainda se utilizava as Regras de *Cambridge* “as Regras de *Cambridge* foram formuladas a partir de um encontro entre representantes das escolas de *Eton*, *Harrow*, *Rugby*, *Shrewsbury* e *Winchester*, com a tentativa de unificar o jogo através da conciliação de suas peculiaridades”, mas estas regras ditavam apenas como deveria ser o local para a prática desta modalidade. Em 1863 surge a *Football Association* na Inglaterra, fundação esta que regulamenta todas as regras para a prática do jogo entre equipes, tornando o futebol um verdadeiro *Sport*. Estas regras foram propagadas para toda a população, tornando-as padrão em todos os lugares. Esta associação existe até hoje como órgão assessor da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) (STEIN, 2003).

Formavam-se assim tabelas, datas dos jogos, ou seja, controlava-se a prática. Os times eram formados pelas fábricas espalhadas pelas

diversas cidades do país. Os jogadores destes times eram os próprios funcionários destas fábricas, que disputavam jogos, geralmente nos sábados a tarde (tradição existente até hoje no Campeonato Inglês de Futebol) no dia em que tinham folgas. Muitas pessoas iam assistir esses jogos. Geralmente eram também operários das fábricas as quais os times representavam, e também a família e a comunidade desses jogadores. É nesse período que começam a surgir as grandes rivalidades entre os diferentes times das cidades da Grã Bretanha. É nesse momento que surgem as disputas entre o Manchester City e o Manchester United, o Glasgow Celtic e o Glasgow Rangers, e o Arsenal, o Chelsea e o Cristal Palace em Londres. Como podemos perceber, inicia-se neste momento a identificação por parte da população pelos clubes de futebol, seja por razões comunitárias, culturais e até mesmo religiosas. (LIMA 2002, p.7).

Sendo assim, o futebol passou a ser um esporte disputado sempre por duas equipes, com 11 jogadores em cada, tendo árbitros coordenando os movimentos dos jogadores e verificando se todas as normas são seguidas conforme os regulamentos.



Figura 01: Seleção Nacional Amadora Inglesa.

Após a fundação da *Football Association - FA*, o jogo de futebol se torna um espetáculo, atraindo a grande massa, desde a burguesia mais endinheirada até as classes populares, deixando de ser apenas uma recreação nas horas vagas para os operários das grandes indústrias transformando-se num trabalho assalariado. O profissionalismo, no início, foi rejeitado pela *Football Association*, devido não comungarem com a efetivação de pagamentos para os jogadores que participassem das partidas de futebol. Porém, a entidade não conseguiu ficar fora do profissionalismo por muito tempo, aceitando a proposta

de que os jogadores de futebol deveriam receber salários ao participarem dos campeonatos desde que a FA continuasse responsável pelas regras dos jogos.

Em 1904 foi fundada a *Fédération Internationale de Football Association*(FIFA), com o intuito de organizar os jogos de futebol pelo mundo. Esta entidade é responsável por organizar os grandes campeonatos de seleções, como a Copa do Mundo (competição mundial de futebol que ocorre de quatro em quatro anos) e é também responsável por organizar campeonatos de clubes como: Copa Libertadores da América, Copa Sul-Americana, Copa UEFA e Liga dos Campeões da Europa (BRUNORO e AFIF, 1997).

Em 1930 no Uruguai foi realizada a primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA com a ajuda do governo Uruguaio, pois a crise de 1929 afetou vários países da Europa, fazendo com que a realização da primeira Copa não fosse concretizada no velho continente. Após esta Copa, o profissionalismo ganhou seu espaço, abrindo as portas para contratações de atletas em alguns clubes europeus.

Outro fator que colaborou para que o futebol se transformasse no esporte da grande massa e que contribuiu para o profissionalismo foi a mídia, sendo ela uma das principais engrenagens que gira em torno deste esporte nos dias de hoje, possibilitando a propagação do futebol para todos os cantos do mundo e também servindo de vitrine para empresários e clubes (MARQUES, 2003).

Com a ajuda da grande mídia, o futebol passa por uma grande transformação, deixando de ser apenas um esporte e transformando-se numa grande empresa, no qual técnicos são trocados rotativamente caso o time não esteja rendendo, abrindo as portas para capitalizações dos clubes visando ações na Bolsa de Valores, os amantes do futebol (torcedores) passam a ser vistos como clientes, adesão de patrocinadores e assim, o jogo se torna um “megaespectáculo” atraindo todas as multidões.

Levando em consideração que a cadeia de produção, onde, basicamente, estuda-se o fluxo de um produto, passando por fases até anteriores a sua produção e culminando com a chegada deste bem ou serviço ao consumidor final – o grande público. Ainda com ênfase nesta abordagem, o público alvo de determinado produto seria o principal agente causador de mudanças ao longo dos segmentos

anteriores, influenciando, através de gostos e preferências, todo o processo que visa a beneficiá-lo.

No caso do futebol, então, o torcedor é quem manda, segundo a lógica acima - descrita de forma genérica. No caso de produtos em geral, estratégias de marketing são capazes de inverter, de certa forma, estas vias, atribuindo aos intermediários valor maior que ao elo final. No futebol, entretanto, esta lógica já está invertida. Quem manda é a televisão, que, apesar de atuar no meio da corrente, consegue influenciar, de forma significativa, ambos os lados. (LIMA, 2002, p. 41-42)

Com a adesão do futebol-empresa mudanças significativas e importantes ocorreram no futebol, sendo ele totalmente universalizado e transformado em um fenômeno cultural que é praticado e também assistido progressivamente. Porém, a transformação do futebol para a futebol-empresa não foi um “mar de flores”, teve suas contradições e consequências, pois a partir dessa transformação no futebol, os jogadores ficaram a mercê de empresários e dos clubes, tornando-se uma mercadoria de grande valor na mão do capital (PRONI, 1998).

A mídia foi o elemento essencial para que o futebol se transformasse em empresa, pois para a entrada no mercado as propagandas e *merchandisig* daria uma maior audiência para o futebol, aumentando assim, a lucratividade dos clubes. Outro fator que contribui na transformação do futebol-empresa foi as normas de transferências de jogadores, conhecida no Brasil como “lei do passe” (a qual foi extinta com a implementação da Lei Pelé), por meio do qual é articulado a compra e venda do atleta entre as equipes de futebol firmando relações contratuais entre clubes e jogadores.

Entretanto, a inspiração para transformação do futebol profissional em futebol-empresa deu-se nos EUA com a criação da *National American Soccer League* (NASL) em 1967, a qual amplificou princípios através do marketing, reunindo diversos astros do futebol no mundo. Contudo, o futebol nos Estados Unidos - EUA¹ não era tão competitivo como o futebol europeu e com isso, não

¹ Nos últimos anos, o futebol nos Estados Unidos intensificou-se após as competições da Copa do Mundo, tornando o futebol o esporte mais apreciado pelos americanos, ultrapassando a NBA e o Baseball. De acordo com Chabatura (2014), a ascensão do esporte no país norte-americano está diretamente relacionada ao fortalecimento da MLS (Major League Soccer) e à chegada de jogadores consagrados mundialmente. [...] A evolução do esporte nos Estados Unidos se deve muito à mudança da liga NASL (North American Soccer League) para a MLS em 1996. A primeira teve notoriedade mundial depois que o New York Cosmos contratou Pelé e Franz Beckenbauer na década de 1970, mas acabou sucumbindo devido ao endividamento dos clubes, que gastavam mais com a folha salarial do que arrecadavam. Situação bem semelhante ao que acontece atualmente com o Campeonato Brasileiro, organizado pela CBF.

teve muito apoio da mídia, sendo extinta em 1984. Porém, esta liga serviu de inspiração para implementação do futebol-empresa, sendo que os meios de comunicação tiveram um papel fundamental para que esta transição se efetivasse.

João Havelange, após ser eleito para presidir a FIFA efetuou mudanças no futebol internacional estabelecendo parcerias com a Adidas e a Coca-cola, sendo que a Adidas já trabalhava com campanhas de marketing de esportes de alto rendimento, porém a ideia de Havelange era conseguir grandes patrocínios para financiar a FIFA. Em contrapartida, as seleções utilizariam os materiais fabricados e com propagandas da empresa.

De acordo com Proni (1998, p.167),

Como a FIFA não possuía estrutura física e pessoal gabaritado para responder aos novos desafios, a concepção e organização do primeiro campeonato mundial de juniores, realizado em Túnis, em 1977, ficou por conta dos profissionais da Adidas e da Coca Cola. Em seguida, a Coca-Cola investiu uma soma inédita, US\$ 8 milhões, para patrocinar a Copa do Mundo da Argentina, em 1978. Segundo Simson e Jennings, a boa avaliação do futebol como veículo de publicidade e merchandising abriu o caminho para que outras empresas se interessassem pela promoção de competições importantes e para que grandes redes europeias de televisão passassem a pagar mais caro pelos direitos de transmissão. Dez anos depois, em 1987, os direitos de transmissão das Copas de 90, 94 e 98 foram negociados pela ISL (empresa de representação comercial criada pelo grupo Adidas) por mais de US\$ 240 milhões com um consórcio internacional de emissoras de televisão.

Esta mudança na direção da FIFA deu início a comercialização do futebol mundial. Assim, nasce o futebol-empresa, a qual o lucro é o princípio fundamental para os empresários que giram em torno desta modalidade, fazendo com que a paixão pelo esporte seja utilizada para a arrecadação de mais receitas através da venda dos ingressos e também, fazendo aumentar a mercantilização dos campeonatos, transformando o esporte em um espetáculo para consumo da grande massa.

Investir na administração do campeonato então foi a solução encontrada. A MLS é gerida como uma empresa, onde os clubes são franquias e os contratos de televisão e patrocinadores são distribuídos igualmente. Cabe às franquias respeitarem um teto salarial e o orçamento anual de um pouco mais de 3 milhões de dólares (cerca de R\$ 5,4 milhões) (PRONI,2000).

1.2 O FUTEBOL NO BRASIL

A história do futebol brasileiro teve início em 1894 após Charles Miller, durante seus estudos em Southampson, ter o contato com o futebol britânico, trazendo em sua bagagem de volta para o Brasil uma bola e um conjunto de regras, ensinando a modalidade para um público seletivo formado por “altos funcionários de empresas britânicas” em São Paulo. Estes também eram membros do São Paulo Athletic Club. Apesar de o jogo trazido por Miller ter um ‘jeitinho britânico’, o tipo de jogo praticado por Charles possuía um “DNA” diferente, fazendo com que o estilo brasileiro de jogar futebol fosse diferente (PRONI, 2000).

Charles Miller e outros ingleses que moravam em São Paulo, devido trabalhar nas grandes empresas ferroviárias, fizeram parte do primeiro jogo que ocorreu no Brasil, no ano de 1894, no qual disputavam funcionários da São Paulo Railway e da Companhia de Gás (*The Team of Gaz Company*). Neste período, o futebol era praticado pelos endinheirados, pois “os registros indicam que os ingleses viviam em grupos de até trezentos funcionários das empresas do Reino Unido e trabalhavam em tarefas específicas, como ajustar trilhos e operar máquinas. Raros eram os ingleses pobres – estes emigraram para os EUA, e não para o Brasil” (GUTERMAN, 2010, p.15). Contudo, no início do futebol no Brasil, o esporte era praticado com muita simplicidade e amadorismo.

Miller apresentou o futebol à elite paulista e a sua aceitação foi rápida pelos clubes das diversas comunidades. Ao mesmo tempo em que a elite começava a praticar esta modalidade, o futebol se desenvolvia entre a classe operária de São Paulo e do Rio de Janeiro. Com isso, o futebol se expandiu rapidamente pelo Brasil, fazendo com que surgissem diversos times dos operários das fábricas na várzea paulista e os clubes começaram a adotar o esporte em seus entretenimentos (LIMA, 2003).

O futebol no Brasil passou por momentos de muito preconceito quando estava sendo implantado, pois como era apenas a elite que participava dos jogos, não era aceito que mulatos e negros participassem dos campeonatos. Tudo mudou quando o jovem “mulato de olhos verdes” Friedenreich, brasileiro,

porém filho de um alemão comerciante conquistou seu espaço no futebol tornando-se um herói nacional, perdendo a “condição de negro” devido sua ascendência europeia, pois conforme o autor Prado Junior *apud* Guterman (2010, p.43.44): “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco, porque a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela posição social”. Friedenreich foi um dos primeiros negros a participar do Campeonato Sul-Americano atuando na seleção brasileira de 1919, sendo ele o autor do primeiro gol e que deu o título internacional para a seleção.

Paradoxalmente, porém, foi a entrada no esporte das classes populares, em especial negros e mestiços, que marcou a passagem do amadorismo para o profissionalismo e também o estilo brasileiro de jogar - o chamado 'futebol-arte'. Após as derrotas nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, o uso de teorias racistas anteriores serviram para criticar esse futebol 'mestiço', atribuindo aos jogadores negros e mulatos um suposto desequilíbrio emocional para os jogos decisivos. Em 1958, ocorreu a inversão desses estigmas, quando o Brasil conquistou sua primeira Copa, e as vitórias em 1962 e 1970 aumentaram a fama mundial do futebol brasileiro. Apesar disso, o estilo alegre de um futebol eficiente, mas com o gosto pelos dribles e malabarismos, tem estado em tensão permanente com táticas impostas por técnicos e outros profissionais do esporte que tendem a privilegiar o estilo defensivo europeu. (MARQUES, 2003 p.24).

Foi a partir do gol de Fried que o Brasil notou o valor de seu povo negro. Os amantes da bola de classes populares tiveram, quebrando as barreiras que as classes elitistas fomentavam a oportunidade de mostrar ao seu povo o talento que possuíam. Com isso, novas equipes se formavam em todos os cantos de São Paulo. Foi nesse contexto que nasceu o Corinthians Futebol Clube, time este formado por operários e tendo como princípio um clube aberto para todos, independente de sua raça, etnia, nacionalidade e política. Conforme cita Guterman (2010, p.48):

Eles queriam um time de brancos e negros, o que talvez os tenha ajudado a 'laçar' jogadores de outros times, expressão da época para 'contratar'. Vários aderiram, inclusive boa parte do time do Botafogo, um dos principais da várzea paulistana, conhecida pela 'marra' de alguns jogadores. Seria o 'clube dos operários', o 'clube do povo' – não tinha sede nem dinheiro, mas tinha time e vontade de ingressar naquele fechadíssimo círculo do futebol da elite que já apaixonava a cidade.

Com a entrada dos operários no futebol o perfil do esporte muda, pois o amadorismo, que priorizava a aristocracia deixando de lado todas as classes populares, começa a perder seu espaço. O clube do Corinthians não tinha

dinheiro para pagar seus jogadores, porém muitos deles passaram a ser chamados para atuarem em outros times endinheirados, pois a obsessão pela vitória e por títulos tomava conta do espírito esportivo, e amor pela bola crescia. Assim, como o Corinthians, no Rio de Janeiro havia o The Bangu Athletic Club (time formado por trabalhadores da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial) que podia apropriar-se do título de “clube de operários”. Este time teve uma grande importância por ser o primeiro time brasileiro que adentrou no esquema do profissionalismo fora do universo da classe elitista do futebol. Os jogadores do Bangu, que aceitaram participar dos campeonatos, tiveram alguns privilégios como: diminuição da carga horária de trabalho para que guardassem suas energias para os jogos e, por conseguinte, se dedicassem aos rendimentos físicos para obter belos resultados; ganhavam a garantia que permitiriam empregados após os campeonatos (PRONI, 2003).

Em 1920 o profissionalismo começa a pressionar o futebol para ganhar seu espaço no território brasileiro, porém a elite do esporte continuava defendendo o amadorismo impedindo que os trabalhadores entrassem em clubes para disputar campeonatos. Entretanto, a opinião pública teve uma grande relevância nesta decisão devido à propagação dos campeonatos através da imprensa esportiva, fazendo com que “a preferência dos torcedores pelos atletas profissionais (oriundos das camadas pobres) também se justifica por propiciarem um espetáculo mais atraente: porque alguns jogadores negros e mestiços possuíam uma ginga especial, um estilo de jogar bonito de se ver, criativo; e porque tinham mais “raça”, empenhavam-se mais nas partidas”. (PRONI, 2000 p. 115)

A profissionalização dos jogadores de futebol caracterizou uma porta para “inserção” de negros e mulatos na preconceituosa sociedade brasileira. Porém, para melhor entendimento, o sociólogo Florestan Fernandes *apud* Proni (2000), explica que a população negra encontrou condições extremamente adversas para sua integração em sociedades de classes e ao mercado de trabalho urbano, durante o período de nascimento e consolidação da ordem social competitiva no país.

Na medida em que as pressões do mercado de trabalho foram abrindo a ordem social competitiva ao negro e ao mulato e em que se concretizaram certas oportunidades de classificação e de ascensão sociais, o negro e o mulato vão concentrar-se na luta absorvente para

'pertencer ao sistema'. [...] Ofereceu ao 'negro' a probabilidade de irromper na cena histórica como 'gente', com novos pontos de apoio societário para competir individualmente com o 'branco' e, quem sabe, para propugnar coletivamente o advento da Segunda Abolição. [...]

Agora, que essa concentração começa a apresentar indícios de que está deixando de ser compacta, outros mecanismos entram em jogo, para resguardar e fortalecer a distância econômica, social e cultural que sempre separou o 'branco' do 'negro' em São Paulo.[...] Em suma, descobre que 'pertencer ao sistema', 'tornar-se gente' e 'ser igual ao branco' são coisas distintas e que possuem muitas gradações. (FERNANDES *apud* PRONI, 2000, p. 118).

Dessa forma, o futebol foi visto como uma possibilidade de ascensão social e econômica para os negros, que mostraram para os elitistas suas potências e habilidades com a bola, ganhando espaços em grandes clubes e seleções do futebol. E com isso, o futebol passa a ter seu estilo próprio de jogar bola, diferenciado do futebol britânico. O jogo brasileiro é visto como um espetáculo com diversificados malabares e dribles espetaculares, tendo criatividade e improviso nas jogadas.

Assim, o futebol brasileiro ganhou o coração da grande massa, fazendo parte do contexto histórico do país, sendo ele praticado em todos os lugares, nas praças, escolas, periferias, penitenciárias, fábricas, entre outros. Porém o futebol no mundo de hoje se tornou um grande negócio, faturando milhões através das emoções dos amantes da bola.

1.3 PROFSSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL

Com o surgimento da *Football Association* novas regras foram criadas para o futebol. Um embate importante após a criação desta entidade foi a profissionalização do futebol a qual passa a remunerar os atletas para que tivessem mais tempo para se preparar para as disputas, porém membros da associação eram contra, não aceitavam o pagamento de salários para os operários que participassem das disputas de futebol, pois ia contra aos "princípios éticos" da modalidade. Já os trabalhadores das grandes indústrias eram a favor ao recebimento de salários em participações de disputas de futebol ameaçando deixar os campeonatos caso não fossem pagos. Assim, em

1880 a luta pelo profissionalismo na Inglaterra torna-se questão central no esporte britânico.

Percebe-se que o futebol tornou-se um espetáculo de muita apreciação pelo público predominantemente masculino, sendo o jogo capaz de atrair uma multidão disposta a pagar para assistir o evento, algumas equipes elaboraram formas de remuneração para seus atletas para que pudessem se dedicar mais aos treinamentos e aumentar seus rendimentos físicos para a disputa dos campeonatos. Porém a *Football Association* era totalmente contra a qualquer tipo de remuneração ou recompensa para os jogadores. Com isso, muitos jogadores se opuseram a associação em razão de suas origens de classe - no caso da classe trabalhadora - ameaçando criar uma liga independente e sair dos campeonatos organizados. Assim, a resolutiva da *Football Association* para que esses trabalhadores não deixassem de jogar os campeonatos foi aceitar o profissionalismo entre os atletas e permanecer com os dirigentes amadores.

De acordo com a socióloga Lever *apud* Proni (2000, p. 28):

As classes privilegiadas consideravam que o pagamento era uma afronta às tradições do esporte amador; mas os jogadores das classes trabalhadoras precisavam do dinheiro. [...] Chegou-se a um acordo em 1885, quando a Football Association aceitou os profissionais, mas proibiu-os de servirem em qualquer comitê ou comparecerem às reuniões da associação. Ou seja, a compensação para a presença de profissionais no campo era o controle administrativo do futebol por amadores.

Os aristocratas da Football Association providenciaram para que esse controle paternalista se estendesse também aos clubes. Assim, os clubes ingleses foram organizados como companhias de responsabilidades limitada, vendendo ações ao público e dirigidos por um presidente e um conselho de administração. A Associação Inglesa de Futebol proibiu os diretores de receberem qualquer remuneração por seus serviços e limitaram os dividendos dos acionistas a 7,5 por cento. A ideia era manter à distância os especuladores e garantir a permanência no controle dos desportistas que amavam o jogo.

Os amadores que dirigiam a associação eram das elites inglesas (uma situação que, em grande parte, se mantém até hoje). Os amadores que assumiram a responsabilidade pelos clubes eram da ascendente classe média e elementos dos *nouveau riche*. Foi a comunidade dos industriais, empresários e comerciantes bem-sucedidos que se instituiu como a benfeitora do esporte [...].

Entretanto, a adoção do profissionalismo não fez com que houvesse uma abertura para a democracia no mundo do futebol. Pelo contrário, a preservação do ideário amador – de origem aristocrática – no comando da modalidade assegurou o estabelecimento de regras que limitavam o raio de

ação dos clubes e restringiam a penetração de uma lógica mercantil no campo das relações de trabalho. (PRONI 2000, p. 29)

Foi nesses moldes que se estabeleceu o modelo inglês de organização do futebol profissional, modelo este em que os jogadores ficava vetada a participação dos controles administrativos dos clubes, tornando-se apenas uma mercadoria. Os times eram organizados como entidades civis sem fins econômicos, compostos por industriais, empresários e comerciantes. Os dirigentes eram eleitos pelos conselheiros dos clubes.

Com a integração das diversas camadas e classes social, o futebol se expandiu rapidamente pelo mundo, tendo a ajuda de estudantes, engenheiros, marinheiros, imigrantes, etc.

À medida que o profissionalismo ia se estruturando na Inglaterra, nos demais países da Europa o futebol amador já vinha se difundido com relativo sucesso. Jovens que estudaram em escolas inglesas levaram a novidade para a Holanda, França, Portugal e Itália; funcionários de embaixadas britânicas o introduziram na Suécia e Dinamarca; engenheiros ingleses a levaram para a Espanha; gerentes de fábricas têxteis começaram a prática em Moscou; e marinheiros britânicos levaram o jogo para a maioria das cidades portuárias do continente. Assim, clubes e associações nacionais foram fundados na Europa continental, inspirados no exemplo britânico. Entre as equipes que surgiram no final do século XIX ou início do século XX podemos citar: Porto (1893), Juventus (1897), Milan (1899), Barcelona (1899), Bayern München (1900), Ajax (1900), Lazio (1900), Real Madrid (1902) e Benfica (1904). Eram todos amadores, uma vez que o profissionalismo permanecia circunscrito ao território inglês. (PRONI 2000, p. 31).

Outro fator que contribuiu para que o profissionalismo se expandisse foi a mídia, a qual levou o futebol a uma grande notoriedade. Os meios de comunicações são uma ferramenta crucial para que empresas anunciem seus produtos em qualquer parte do planeta. E foi assim também com o futebol, que passou a possibilitar a compra e venda de passes de jogadores e a comercialização do espetáculo. “É como se fosse uma cadeia em que o público fosse o elo final.” (MARQUES, 2003, p.41) Não podemos dizer que a mídia fabricou o futebol profissional, mas que através dela, o futebol ganhou sua popularidade em todo o mundo, contribuindo e facilitando a participação de todas as classes a este esporte.

Conforme o historiador Mandell *apud* Proni (2000, p.37):

[...] o futebol moderno só pode ser jogado, apresentado na forma de espetáculo e assistido jubilosamente em sociedades que têm sido

pelo menos parcialmente desenraizadas, parcialmente domesticadas, e parcialmente reguladas pela moderna produção industrial do mercado. Pois a vida moderna requer segmentação rígida e anotação do tempo, valoriza e recompensa realizações notáveis, e demanda a sublimação da agressão. Dessa forma, a classe operária que nasce no século XX tornou-se consumidora apaixonada de um novo gênero de teatro que se desenvolve dinamicamente e que santifica e reforça tanto nossas restrições sociais como nossas aquisições materiais.

No Brasil, o profissionalismo deu início no ano de 1933, devido a grande popularização do esporte que já possuía a cobertura dos meios de comunicação. Porém, desde o ano 1919, já havia o estímulo para a conversão do futebol amador ao profissional devido à conquista do primeiro título do Brasil no Campeonato Sul-Americano. Após esse feito, a venda de ingressos aumentou significativamente, lotando os estádios de São Paulo e Rio de Janeiro nas competições.

A evolução do futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massa. Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. Levar em consideração a “classe” dos jogadores – mesmo que fosse num sentido puramente esportivo – tornou-se afinal um empreendimento quixotesco. (ROSENFELD *apud* PRONI 2000, p. 107)

O processo de profissionalização no Brasil foi marcado por muitas pressões, resistências e conflitos sociais e políticos. A elite conservava e apoiava no amadorismo a todo custo, isto para não dar espaço para os operários, principalmente negros e mulatos. Porém, em 1923, o time do Vasco da Gama, composto por negros e brancos conquistou o campeonato carioca, deixando os clubes da elite sem reação, provocando uma crise no futebol amador.

De acordo com Rodrigues Filho *apud* PRONI (2000, p. 108)

[...] os clubes finos da sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganharia campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time os brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes.

Assim, a classe elitista foi perdendo sua dominância e o profissionalismo ganhou de vez a aceitação. Com a adoção do profissionalismo nos países europeus, a FIFA editou a sua primeira Copa do Mundo e com isso ocorreu grande aumento pelas posses dos jogadores que possuíam mais habilidades. Nesse sentido, o futebol se torna uma grande empresa, que fatura bilhões atraindo a grande massa.

Com a passagem do amadorismo para o profissionalismo, os campeonatos de futebol tiveram mudanças, sendo elas marcadas pelo regionalismo devido às disputas entre clubes de estados vizinhos. Com essa passagem, altera também a configuração das torcidas, surgindo as primeiras “torcidas uniformizadas” que eram compostas por jovens da classe média, sócios dos clubes que queriam se diferenciar do restante dos torcedores, tendo uma conduta mais “comportada”. Porém, esta conduta não durou muito tempo, sendo implantadas nos campeonatos equipes de segurança para conter as brigas entre torcidas. Com isso, surgiu um novo modelo de torcida, mais contestadora, passando a se chamar “torcida organizada”.

Nos anos noventa, com a entrada de Fernando Collor de Melo na presidência da república do Brasil, houve mudanças significativas na política e na economia nacional, sendo ela “favorável a uma revisão ou redefinição da intervenção pública sobre a órbita esportiva, particularmente no que se refere ao papel do Conselho Nacional de Desportos e à legislação desportiva” (PRONI, 2000, p.163). Neste caso, houve a diminuição do patrocínio público para o esporte-espetáculo, privilegiando a iniciativa privada. Assim, percebe-se o quanto o futebol profissional se expandiu.

Na Constituição Federal de 1988 é estabelecida a garantia da autonomia das entidades dirigentes e associações esportivas quanto à sua organização e funcionamento. Em 1991 é encaminhado ao Congresso Nacional o chamado “Projeto Zico”, que fomenta a necessidade de:

- I – Regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional.
- II – Rever a partição dos recursos da Loteria Esportiva.
- III – Extinguir a “lei do passe” e profissional
- IV – Redefinir os mecanismos de supervisão e assegurar a autonomia estatutária dos clubes.
- V - Buscar mecanismos mais democráticos e transparentes de representação e de administração das federações e da CBF. (PRONI, 2000, p. 165).

A “Lei Zico”, como passou a ser chamada após a sua aprovação em 1993, teve diversas alterações, porém sem alterar muito a estrutura administrativa do futebol brasileiro. De modo geral, “acabaram deixando à iniciativa dos próprios dirigentes esportivos a incumbência de implementar uma maior profissionalização na estrutura global do futebol.” (PRONI 2000, p.167). Assim, os clubes se transformaram em clubes-empresas, tornando-se empresas comerciais.

Para o sociólogo Helal *apud* Proni (2000, p. 168),

A adoção do “futebol-empresa”, permitida após a Lei Zico [...] sem a transformação da estrutura de poder não representa uma mudança radical na organização do futebol no país, pois a política de troca de favores ainda prevalecia na organização dos campeonatos. Com jogos deficitários, o campeonato daria prejuízo aos clubes, limitando o potencial de marketing e da comercialização do futebol, e é exatamente isto o que vem ocorrendo mesmo após a Lei Zico. Ou seja, a modernização administrativa, significando comercialização do espetáculo, teria que vir acompanhada de uma modernização política, entendida aqui como autonomia e independência dos clubes para organizar os campeonatos.

A Lei Zico foi o primeiro passo de um processo que se prolongaria por muito tempo. Assim, a transformação dos times em “clube-empresa” significou a adoção de estratégias de negócio. A modernização dos clubes garante a eles a possibilidade de buscar recursos para remuneração das atividades e também, amplia a sua benesse com a indústria esportiva. Sendo assim, os clubes passam a ser uma sociedade com fins lucrativos (empresas).

Em 1997, um novo projeto de lei foi encaminhado ao Congresso Nacional, sendo intitulado de Lei Pelé, que se inspirava na legislação espanhola, “que combina forte ingerência do poder público, principalmente na fiscalização do esporte profissional com autonomia para os clubes se organizarem e se autogerirem.” (PRONI, 2000, p. 198) Com a Lei Pelé, também surgiram os direitos econômicos e federativos dos jogadores, ficando mais fácil a intermediação dos empresários nas transferências de jogadores, pois anteriormente os clubes eram donos dos “passes” dos atletas por um determinado tempo. Com a Lei Pelé, o clube é dono dos direitos federativos dos jogadores de futebol e os direitos econômicos são pertencentes aos empresários e investidores. Com isto, os jogadores foram transformados em simples mercadorias nas mãos dos empresários, que reinam soberanos, assim

como o mercado e as grandes empresas fazem no conjunto da sociedade. Interessa aos empresários privados que os clubes sejam fracos e estejam “falidos”, pois serão mais frágeis diante do poder do seu dinheiro.

De acordo com Alencar (2009, p.3), o pensamento neoliberal defende que a crise do capital só pode ser superada com a redução do intervencionismo Estatal, transferindo para o mercado a atribuição de regular as relações sociais, despolitizando-as. Sendo essa a política em vigor no Brasil, desde o início da década de 1990, as políticas públicas voltadas para o bem-estar social vêm sendo desmontadas, fragmentadas, descentralizadas e transferidas para a sociedade, a família e o setor privado.

Com o reinado do mercado, não há Estado, não há democracia, não há interesses coletivos. Triunfa o mercado e seu princípio maior, a ordem do capital. Com o reinado dos empresários privados, não há clubes, há times, que ocasionalmente são montados para disputar um campeonato, enquanto os empresários não vendem os jogadores. Os campeonatos servem apenas como vitrine para exibir as mercadorias (jogadores) dos empresários.

De acordo com PRONI (2000, p.201),

Quanto ao funcionamento desse mercado promissor, devemos anotar uma lacuna da nova lei: a ausência de normas para regulamentar a abertura de capital do clube-empresa e para impedir o controle acionário de vários times por um único grupo empresarial. Parece que a legislação preocupou-se mais em romper com o passado e acelerar o processo de modernização, deixando para o próprio mercado (ou melhor, para a dinâmica da concorrência estabelecida entre equipes, entre agências de marketing esportivo, federações, patrocinadores, fabricantes de material esportivo, empresas de comunicação e instituições financeiras) as decisões quanto à forma como o futebol seria capitalizado e explorado como negócio privado daí para frente.

Diferente da Inglaterra, onde o futebol-empresa foi implantado e na época foram observadas as restrições referentes ao abuso de poder econômico, a implantação do futebol-empresa no Brasil teve diversas contestações referentes à falta de cuidado com a exposição do futebol ao mercado. “Na verdade, ao remeter para o mercado a construção do modelo brasileiro de futebol-empresa, a legislação aprovada acabou permitindo que novos desequilíbrios e uma ética estranha ao esporte fossem introduzidas” (PRONI 2000, p.202).

O poder econômico em relação ao futebol-empresa está relacionado a este mercado o grande desenvolvimento do marketing esportivo. A valorização deste patrimônio é crescente com o chamado merchandising e, nessa direção, as empresas de comunicação também possuem um papel de grande relevância neste time, pois aumentaram muito os investimentos no mercado futebolístico. Do mesmo modo se constatou a parceria do futebol com outras empresas para aumentar a receita dos times explorando os estádios com suas publicidades.

Considerando os vários tipos de produtos associados ao futebol, temos um mercado bastante diversificado, que em 1998 estava estimado em US\$ 1 bilhão, somando todas as receitas. Contudo, trata-se de um mercado bastante concentrado, com uma imensa quantidade de micro e pequenas empresas sobrevivendo à margem das médias e grandes. (PRONI 2000, p.229)

Entretanto, para os jogadores de futebol, a transição do futebol para futebol-empresa tornou o mercado mais competitivo para se conquistar uma vaga nas equipes de ponta, mas para o jogador que consegue espaço nessas equipes há alguma perspectiva, em alguns casos consegue salários altos, proteções legais e maior estabilidade no emprego. O grande foco dos novos gestores de clubes de futebol é a geração de lucro e ampliação das receitas. Há um investimento em campeonatos e, para isso, são necessários jogadores com um alto rendimento para que seus times não saiam no prejuízo, pois o investimento nesses atletas é elevado. A torcida também tem um papel fundamental, pois é o público alvo que garante o aumento de lucro dos clubes, haja vista que são os consumidores do produto.

No futebol profissional, os atletas passam a ser comprados, vendidos e emprestados sendo que a mídia e os patrocinadores interferem diretamente nos campeonatos e nos times. Não tendo dúvidas que o futebol brasileiro entrou definitivamente na esfera capitalista, expressa nas relações do mercado, em que o empresário do futebol, *compra para vender*, no caso, mercadeja os passes dos jogadores e, assim, o futebol vem se encaixando nesta relação que gera lucro, onde até a torcida está sendo modificada, ajustada pelos princípios do mercado.

A mercantilização do futebol envolve uma série de comercialização de diversos produtos, sempre a espera que a concentração de poder econômico, em relação à expansão das receitas, aumente.

PRONI (2000, p. 230) destaca que:

[...] Uma gestão empresarial do esporte supõe a existência de fontes de receitas perenes, que garantam a rentabilidade dos negócios, e exige um planejamento pautado em variáveis econômicas (comportamento do mercado, nível de concorrência, resultados financeiros, etc.). Aqueles que não estiverem em condições de acompanhar esse movimento de profissionalização da estrutura esportiva (e de competir segundo as novas regras do jogo) estão fadados a perecer ou a ficar excluídos do concorrido mundo do futebol profissional.

Infelizmente, a geração de lucro tornou-se o princípio fundamental do futebol após a sua profissionalização. O futebol não está atomizado, pelo contrário, está inserido numa sociedade em que as relações sociais sempre buscam o lucro, a “motivação e a razão de ser seu protagonismo social” (Netto 2006, p. 96). Podemos afirmar, assim, que:

O projeto de modernização do futebol brasileiro, formulado ao longo de 1997, tinha como pressuposto a estabilidade da economia e a força do Real frente ao Dólar. Era favorável situação da conjuntura econômica que permitia supor que clubes nacionais pudessem competir de igual para igual com os principais concorrentes estrangeiros. Em 1998, alguns analistas chegaram a prever que o futebol mobilizaria, no Brasil, em torno de US\$ 16 bilhões por ano, depois que as medidas aprovadas na Lei Pelé entrassem em vigo. O Cálculo levava em conta o fato de, em alguns países da Europa e nos EUA, o esporte profissional ser responsável por 2 a 3% da renda nacional e a hipótese de que o PIB brasileiro se manteria no patamar de US\$ 800 bilhões. Assim, ao romper as barreiras à capitalização do esporte profissional, a nova legislação estaria transformando o futebol brasileiro numa atividade extremamente rentável. (PRONI 2000, p.232)

O futebol se tornou um negócio, movido pela indústria cultural, onde o amor pela modalidade deve conviver e se submeter aos interesses dos empresários movidos pelos lucros. Sabemos que ainda possuem os amantes da bola, porém, por trás dessa paixão gira um mundo absolutamente capitalista, no qual, a maior preocupação é a satisfação do consumidor e o lucro do investidor.

De tal modo, o futebol brasileiro, seja em momentos de vitórias ou em momentos de fracassos, terá sua história vinculada com a economia, a política e a cultura da grandiosa e apaixonada nação brasileira.

2 AS DIVISÕES DE BASE E O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO: DO INÍCIO DO JOGO AO APITO FINAL

O esporte, principalmente, a modalidade do futebol, passou a ser uma das atividades mais lucrativas em todo o mundo, movimentando bilhões de dólares anuais no Brasil e no mundo. Com isso, não apenas o talento com a bola faz com que crianças e jovens de todo o país sonhem com um futuro promissor no mundo do futebol, ficando cada dia mais difícil saber até onde este desejo pode se tornar realidade ou virar numa grande frustração. Isto se dá, devido a grande maioria dos futuros jogadores virem das classes populares e passarem por dificuldades financeiras com suas famílias. Esperam que o futebol possa lhes ajudar a almejar uma carreira promissora com grandes salários, podendo alcançar melhores condições financeiras e, conseqüentemente, dar uma condição melhor as suas famílias.

A jornada enfrentada pelos jovens atletas nos diversos clubes de futebol não são fáceis, tornar-se um prodígio do futebol pode ser mais difícil do que o idealizado. O mundo do futebol vislumbra seduções e nutre sonhos pessoais de crianças, jovens e familiares, sonhos estes, pautados no capital corporal onde o atleta disponibiliza uma extensa carga horária de sua vida em busca de um potencial social.

2.1 CENTRO TÉCNICO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DO AVAÍ F.C

O Avaí Futebol Clube é uma instituição esportiva com destaque no futebol, fundada em 1923, na cidade de Florianópolis, e que possui além dos atletas profissionais, os atletas em formação (CETEFA – Centro de Treinamento e Formação de Atletas) pertencentes às Categorias de Base – Infantil, Juvenil e Juniores. Sua sede, desde 1983, localiza-se no Estádio Aderbal Ramos da Silva, no bairro Carianos, em Florianópolis/SC, conhecido popularmente como Ressacada.

O Avaí Futebol Clube é uma sociedade civil, para fins não econômicos que tem por finalidade estimular e desenvolver a educação física e a prática do

desporto em geral, principalmente o futebol de campo nas suas diversas categorias e jogos olímpicos. O património do clube é constituído por diversos móveis e imóveis, títulos, regalias, prémios e equivalentes. Em caso de extinção da sociedade, o património do Clube terá a destinação que a Assembleia Geral deliberar. Com suporte do conselho, a atual administração redefiniu sua estratégia global com a finalidade de tentar reverter à situação econômica deficitária recorrente, envolvendo planos específicos para as áreas de marketing, comercial, administrativa e financeira e a gestão esportiva, compreendendo ações como: parcerias e patrocínios, permanência na Série A do campeonato brasileiro, administração das cotas da Série A, como forma de aumentar a receita, projeção de negociação de atletas, aumento do quadro de associados, redução de custos através de revisão de processos e revisão da estratégia operacional para o segmento “Formação de Atletas” como fonte geradora de recursos. É deste modo, que o Clube se mantém financeiramente.

Além das atividades de futebol de campo profissional e amadora (categorias de base), o clube incentiva e estão comprometidos com ações sociais, culturais e esportes olímpicos conforme o Estatuto do clube cita, em seu artigo 3º, sobre as principais finalidades do clube: a) desenvolver e estimular a educação física e a prática dos desportos em geral, principalmente o futebol de campo nas suas diversas categorias e os olímpicos; b) participar e ou promover competições oficialmente patrocinadas pelas entidades às quais estiver filiado, nos termos dos respectivos regulamentos; c) promover reuniões artísticas, sociais, culturais e cívicas.

O Centro Técnico de Formação de Atletas (CETEFA) possui sua estrutura em anexo ao estádio da “Ressacada” e possuem alojados cerca de aproximadamente 90 atletas em processo de formação. O CETEFA possui também uma estrutura própria para treinos, denominado João Nilson Zunino, em homenagem ao ex-presidente (2002 – 2013) que faleceu em dezembro de dois mil e treze.

O centro de formação conta com uma variedade de profissionais capacitados, tais como: coordenador, técnicos, preparadores físicos, fisioterapeutas, massagistas, psicólogo, assistente social. Na pesquisa, realizou-se entrevistas com estes profissionais para compreender melhor o Centro técnico de formação de atletas.

Para que o futuro atleta usufrua deste espaço, precisam de total dedicação e esforço, pois para que possam se alojar precisam primeiramente mostrar seus talentos com a bola através das peneiras, sendo que, é obrigatório também, que todos os jogadores estejam estudando, pois o clube formador tem como obrigatoriedade garantir os direitos de todos os atletas, conforme consta nos Estatutos (Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei Pelé).

Ao longo dos anos, diversos atletas de notoriedade nacional foram formados na base da mancha azul, tendo em destaque os jogadores Marquinhos, Renan, Flávio, Hêrnani, Edilson, Thiago, Jardel, Medina, entre outros. Atualmente o “Leão da Ilha”, como popularmente o clube é chamado, mantém cinco categorias de formação: Sub 11, Sub 13, Sub 14/15, Sub 17 e Sub 20, sendo que, só encontram-se alojados os atletas das categorias Sub 14/15, Sub 17 e Sub 20, pois a Lei Pelé estabelece sobre os requisitos mínimos para que as pessoas com mais de 14 anos possam iniciar um processo de profissionalização por meio de um contrato de formação desportiva, sendo esta modalidade proibida para menores de 14 anos, visto não ter idade suficiente para iniciar um vínculo empregatício, mesmo sendo em condições de jovem aprendiz. A Lei Pelé possibilita que adolescentes vivam alojados nos clubes, com a compensação dos clubes providenciarem acompanhamento escolar, apoio pedagógico e psicológico, convivência comunitária e familiar para todos os atletas em recrutamento.

As equipes de base são divididas em três categorias de acordo com a faixa etária dos atletas, sendo elas: Categoria infantil, com atletas de 14 e 15 anos; categoria juvenil, com atletas de 16 e 17 anos; e a categoria Júnior com atletas de 18 a 20 anos de idade. Os atletas que possuem de 11 a 13 anos são pertencentes de escolinhas, não podendo estar alojados no clube, porém podem disputar campeonatos amadores de acordo com sua idade. Já os atletas acima de 21 anos são considerados profissionais e não podem mais atuar nas categorias de base.

2.1.1 O Serviço Social na instituição

A política de Atenção à Criança e ao Adolescente está incorporada no Avaí, pois o clube desenvolve ações que visam à garantia dos direitos fundamentais junto a outros fatores, como escolas onde os atletas das categorias de base estão matriculados, as famílias com quem o setor tenta ter acesso com frequência, sobretudo para efetivar matrícula e transferir a responsabilidade aos pais perante o acompanhamento do desempenho escolar, etc. Sendo assim, o setor psicossocial, onde atua a assistente social tem como principal atribuição atuar junto às categorias de base a qual efetua o cadastro psicossocial (elaboração de documentação para ingresso dos adolescentes e jovens ao clube e outras demandas como: atendimentos aos pais, efetuação de declarações de alojamento/jogos/treinos, encaminhamentos escolares, entre outros) dos adolescentes e jovens que ingressam ao CETEFA, organizando o acompanhamento de demandas relacionadas aos atletas, como saúde e educação e o contato com suas famílias.

A política social do setor Psicossocial, ao qual o Serviço Social se faz presente, está diretamente vinculada à política de Atenção à Criança e ao Adolescente no âmbito do esporte e demais direitos fundamentais, bem como a Política de Educação. Estas políticas estão articuladas com base na Lei Federal 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente ECA, a Lei Pelé 9.615/98, e o Estatuto do Avaí Futebol Clube. Portanto, é de extrema importância um profissional de Serviço Social nos clubes para continuar trabalhando em prol da garantia dos direitos de cada criança e adolescente que permanecem alojados nos centros de formação de atletas (CFA).

Dentro do Avaí F.C, o profissional de Serviço Social é desafiado a utilizar os instrumentos técnico-operativos de uma forma articulada com suas habilidades, solidificando o caráter interventivo do Serviço Social, sendo eles: fichas de cadastros, entrevistas, abordagem informal, reunião, relatórios, encaminhamentos, acompanhamento social, entre outros.

Conforme Trindade (2010):

O assistente social na formação do atleta tem um papel de fundamental importância uma vez que, através do contato diário com os usuários na prática profissional, é possível que construa um conhecimento acerca da realidade com respeito aos sujeitos e a seus interesses, englobando e tendo visão geral, abrangente, sobre aspectos econômicos, afetivos, sociais, entre outros.”

O assistente social nos clubes de futebol atuará ao lado do psicólogo para que seja direcionada a intervenção em busca de soluções das questões e dilemas pessoais e familiares trazidos pelos jogadores, haja vista que é um trabalho complexo que exige muita competência ética, pois o assistente social atua diretamente com as famílias dos atletas. A realidade de muitos jovens que chegam ao centro de formação é muito heterogênea, tendo que haver uma intervenção não apenas nos atletas, mas também junto as suas famílias.

Contudo, é importante salientar que para os atletas continuarem com suas atividades dentro do clube, deverão estar devidamente matriculados na escola ou já terem concluído o Ensino Médio (para os maiores de idade), sendo este uma exigência do clube, devido à conscientização da importância escolar na vida dos jogadores e também, por ser um direito previsto em Lei a toda criança e adolescente. Após, o atleta estar totalmente regulamentado com os documentos para alojamento e com suas matrículas efetuadas, podem competir nos campeonatos a favor do Clube.

Referente às documentações de alojamento, fica de responsabilidade do setor psicossocial junto com os treinadores. O primeiro contato do jogador de base no Avaí, após passar no teste/peneira é com o profissional de serviço social que efetuará o cadastro Psicossocial do atleta e verificará a documentação de ingresso ao clube e posterior encaminhamento escolar.

A multidisciplinaridade entre a assistente social, psicólogos, técnicos e coordenador é de extrema importância dentro do clube, para que seja analisada a realidade de cada atleta que nele adentra ao clube e com isso, trabalhar no desenvolvimento de cada singularidade. As atividades de formação do atleta são realizadas obedecendo as Leis vigentes, relativas aos direitos da Criança e do Adolescente dentro dos clubes desportivos (ECA, Lei Pelé e outras).

2.1.2 A interação entre a equipe multidisciplinar e os futuros jogadores profissionais

À submissão que os garotos possuem para se tornarem jogadores profissionais chama muita atenção, pois possuem o sonho de enriquecer “rapidamente” e dar uma vida melhor para suas famílias. Porém, nem sempre este sonho se concretiza, conforme Soares (2011, *apud* TOLEDO 2002, p. 7):

ao analisar o processo das ‘peneiradas’, ou seja, teste para seleção de jovens para possível aproveitamento nas divisões de base dos clubes indica que estatisticamente menos de 1% dos aspirantes à profissão são aproveitados em média. Em 1995, por exemplo, de 3.500 garotos que aventuraram nas peneiras apenas cinco foram aproveitados; no ano seguinte, apenas dois de 4.000 permaneceram no clube.

Para que um atleta permaneça no clube formador é necessário que o mesmo possua um perfil que é desenhado pelos profissionais dos clubes, sendo analisados em cada jogador: a parte técnica, tendo um entendimento em relação ao jogo, perspectiva de evolução, saber revolver os problemas do jogo e a disciplina dentro e fora do campo. De acordo com o coordenador da base (2016), em resposta à entrevista realizada pela acadêmica durante a elaboração desse estudo:

o atleta precisa ter uma parte técnica muito boa, entendendo as suas funções, tendo perspectiva de evolução dentro da parte técnica. Se o menino não tiver essa perspectiva de evolução a gente não fica. Ele também precisa ser um jogador com a parte cognitiva muito boa, sabendo revolver os problemas passado em campo. Então, ele tendo esse conjunto de fatores, ele permanece no clube por muito tempo.

O atleta que possui essas características consegue destaque e garante a sua permanência no clube por um longo período, sendo que é cobrado de cada atleta, dentro de sua complexidade, e de acordo com sua idade, pois não tem como ser exigido de um atleta de quinze anos a resolutiva de um jogo dos atletas de vinte anos. O clube formador atua igual a uma escola, com suas complexidades, categorias por idade, com cobrança de disciplina, tendo uma série de atividades a serem cumpridas tanto no campo quanto extracampo, pois a partir do momento que o atleta para de cumprir com suas funções e aparece outro atleta melhor preparado, ocorre a dispensa e substituição. Sendo assim, o jovem atleta possui a responsabilidade sobre seu futuro profissional.

Contudo, existe a cobrança desde cedo junto ao atleta em relação ao seu futuro, não somente dos clubes formadores, mas também, em muitos casos, da sua própria família, pois muitos jovens chegam aos clubes formadores incentivados pelos pais, principalmente com objetivos de ganharem dinheiro rápido para ajudar as famílias a sair de situações de vulnerabilidades. Conforme relatou o coordenador (2016):

eu concordo que muitos atletas são vistos como mercadoria não somente pelos clubes, mas por parte das famílias, devido a origem de muitos jogadores é de famílias simples onde eles são a grande expectativa de mudança financeira da família, onde depositam no atleta toda uma expectativa, e muitas das vezes, até um sonho frustrado do pai que queria ser jogador de futebol e não conseguiu, depositando assim, a esperança no filho.

Esta cobrança sobre o atleta muitas vezes se reflete em campo. Neste caso ocorre a intervenção do psicólogo do esporte para que o rendimento do atleta não seja prejudicado.

A atuação de um psicólogo (a) do esporte nos clubes de futebol também é de extrema importância, embora muitas comissões técnicas não avaliam como relevante. O psicólogo (a) nos centros de formação de atletas (CFA) contribui para a melhor compreensão das demandas trazidas pelos atletas e também, pelos demais profissionais que atuam no esporte de alto rendimento. As estratégias utilizadas por este profissional visa desenvolver uma série de dimensões, desde as individuais como na melhora da autoconfiança de um atleta ou em relação a picos de ansiedade e estresse antes e pós-jogos, como coletivamente, para o desenvolvimento da equipe. Sendo que, para uma boa performance em campo e também extracampo o atleta precisa estar com uma boa estrutura emocional, compreendendo o jogo e sabendo trabalhar em equipe para que o time alcance o resultado desejado, pois além da preparação técnico, tático e físico, a equipe precisa estar preparada emocionalmente também. É preciso lembrar que os atletas também são seres humanos sujeitos a intervenções psicológicas a todo o momento.

Uma das principais barreiras do psicólogo do esporte é o não entendimento de sua importância na equipe por parte de algumas comissões técnicas e pelos atletas, achando que o mesmo só atua com terapia e pessoas altamente problemáticas e emocionalmente abaladas, deixando de ter um grande aliado na comissão técnica, pois ter o profissional compondo a equipe

ajudará o time na conquista dos resultados, estando preparados técnica, tática, física, clínica e emocionalmente.

Outros profissionais que possuem muita importância na vida desses atletas são os técnicos, profissionais estes que passam a maior parte do dia com os atletas. O trabalho deste profissional vai além das atividades efetivadas nos gramados, pois o mesmo, além de formar estes atletas em campo possui por responsabilidade formá-los para a vida, já que é com eles que os jogadores passam a maior parte do tempo.

Em entrevista com o técnico da categoria de base foi questionado sobre a capacitação dos jovens extracampo afim de que, se o atleta for dispensado ele tenha um preparo para encarar uma nova realidade fora de campo. O técnico explicou que “analisa os jogadores em sua complexidade, entendendo que o atleta não é somente futebol e que o ser humano não é só trabalho como é imposto por muitos”. Para o treinador (2016), os jovens atletas são:

peças com uma construção histórico-social e cultural que possui uma imensa bagagem histórica e se o atleta não for entendido dentro de sua complexidade, torna-se intrínseco a ação de um treinador na efetivação de uma intervenção e também, quando se trabalha com formação não há como formar apenas atletas, pois a formação é integral e tem que ser composta por todos, desde a família até o clube formador.

Os profissionais que trabalham nas categorias de base necessitam ser altamente capacitados, com princípios éticos bem definidos, pois lidam com garotos ainda em processo de formação e por isso, esses meninos precisam de pessoas que acrescentem em suas vidas, mesmo que no futuro eles não façam mais parte do time.

Para gerenciar toda esta equipe multidisciplinar, o coordenador das categorias de base possui um papel importante, não apenas em relação a comissão técnica, mas também com os atletas em formação. Pois, o coordenador da base possui como aptidão a orientação dos jovens que estão iniciando a carreira dentro e fora de campo e para que isto seja mais viável, conta com a equipe multidisciplinar. O profissional que assume a coordenação das categorias de base tem por desafio inúmeras ações, sendo elas: implementação de planejamentos estratégicos estabelecidos pela direção; estruturar o departamento de futebol das categorias de base atribuindo funções, competências, responsabilidades e atribuições; coordenar as

atividades relacionadas às comissões técnicas das categorias de base efetuando uma vinculação com o departamento profissional; coordenar as contratações e liberações dos atletas em processo de iniciação profissional e amadores; administração de execuções orçamentárias do departamento das categorias de base de modo a garantir o cumprimento dos níveis de dispêndios aprovados; desenvolver e coordenar a execução de projetos que sejam de interesse às categorias de base; e reportar-se sobre as atividades previstas à superintendência e ao presidente do clube. Sendo que, cabe ao coordenador das categorias de base criar uma vinculação com os “olheiros” para que possam indicar jogadores que se destacam nos demais clubes do país. Assim, o trabalho do coordenador de base, assim como dos demais profissionais que atuam no mundo futebolístico, deve ter reconhecimento para que continue havendo um estímulo, pois o trabalho com as categorias de base exige muito dos profissionais, assim como as demais funções fora do gramado. Porém, um desafio para o coordenador é gerenciar pessoas mal remuneradas tendo por objetivo a promoção de um ambiente de trabalho favorável entre os “colaboradores”.

O coordenador de base também possui forte vínculo com os empresários, pois são eles quem conhece os atletas que estão disponíveis para atuar nas agremiações. O empresário tem por função a administração dos interesses dos jogadores com o clube, respeitando os estatutos e os regulamentos das associações nacionais, das federações e da FIFA. Contudo, o futebol é o esporte que mais gera dinheiro em todo mundo e por isso, também virou cenário para “empresários falcatruas”, que transformam as transações dos atletas em produto, onde a geração de lucro é o fator principal.

Para que as fraudes de empresários corruptos não se perpetue, o comitê executivo da FIFA regulamentou, em 1990, as atividades dos empresários esportivos. Qualquer pessoa que deseja exercer a atividade de agente de jogadores (empresários, aqui no Brasil) precisa enviar uma solicitação para a Confederação Brasileira de Futebol - CBF, que autoriza ou não a negociar atletas entre os clubes. Sendo assim, qualquer transação de jogador deve ser intermediada por um sujeito que possua esta licença junto com a CBF. Assim, como os clubes de futebol, o empresário pode submeter ao jogador contrato de

no máximo dois anos, podendo ser renovado de acordo com o interesse do jogador.

Esses conjuntos de profissionais atuam diretamente com os jovens atletas das categorias de base, compondo assim, o quadro de profissionais dos clubes formadores. Para o clube se tornar formador, precisa manter um grupo de profissionais especializados, garantir aos atletas assistência educacional, médica, psicológica, convivência familiar, bem como, fornecer programas de treinamentos nas categorias de base, fornecer complementação educacional, comprovação de participação em campeonatos oficiais e ajustar o tempo destinado a formação (que não pode ser superior a 4 horas por dia) ao horário escolar, exigindo do atleta a presença na escola e bom aproveitamento.

2.2 EXPECTATIVAS FAMILIARES EM RELAÇÃO AO FUTURO DE SEUS FILHOS

Atualmente, o número de crianças que sonham em tornarem-se jogadores de futebol cresce vorazmente, sendo que por trás de todo sonho há um contexto a ser analisado, pois muitas destas crianças possuem o sonho de se tornar jogador não somente por possuírem um talento, mas também, devido as diversas condições, tais como: dificuldades financeiras, pressão familiar, moradia, entre outros.

O apoio familiar para um atleta é de extrema importância, sendo que, excessivamente, também é prejudicial para a evolução de um jogador, pois o período de formação do atleta é composto por diversas etapas ao qual a criança e o adolescente estão na fase de desenvolvimento e formação de suas personalidades, há uma influência psicológica referente a qualidade das relações entre pais e filhos. No período de formação do atleta a família possui um papel primordial para que o jogador consiga avançar em sua carreira, conforme explica Carravetta apud Ferreira, Paim (2011, p.1):

A família é a base e o principal centro na formação e no desenvolvimento de um atleta. O apoio familiar na formação do jogador pode ser fundamental na dimensão afetiva, na socialização com o novo grupo, nos enfrentamentos de desafios físicos, técnicos e táticos, na preparação do atleta para o enfrentamento de desafios externos, da mídia e da torcida, além da construção de uma conduta de um cidadão consciente dos seus direitos e deveres. E adverte para o fato de que se as necessidades de segurança desses jovens não forem adequadamente satisfeitas no período de transição compreendido entre a puberdade e a idade adulta, em função de suas carências afetivas, educativas e culturais, esses jovens podem ter seu desenvolvimento comprometido.

O atleta ao sair do âmbito familiar passa por um processo de habitação ao novo meio em que foi inserido, sendo que em alguns casos se torna perceptível, em campo, as dificuldades trazidas pelos atletas. Assim, cabe a equipe multidisciplinar analisar os comportamentos dos atletas e dar um suporte, desde a parte psicológica do atleta até as intervenções com os familiares.

De acordo com as entrevistas efetuadas com os pais dos atletas do CETEFA, seus filhos tiveram total apoio no momento em que revelaram aos pais que desejavam ser jogadores de futebol, sendo que, entre a mãe e o pai, o

apoio vem mais do pai, pois muitos dos entrevistados também possuíam o sonho de atuar como jogador de futebol, porém não realizados devido o futebol não ter esta valorização que possui nos dias atuais. Agora, vêem nos filhos, indiretamente, o sonho que ficou no passado. Contudo, para os pais entrevistados, o futebol é uma atividade primordial na vida de seus filhos, e que forma não apenas atletas, mas cidadãos de caráter.

Conforme o relato de um pai entrevistado,

“o futebol foi meu sonho de criança, porém naquela época quem jogava era considerado vagabundo e os pais não aceitavam. Eu sempre tive o sonho de ser jogador de futebol, consegui chegar até o profissional só que na hora de assinar o contrato meu pai não assinou porque ele não queria que eu me tornasse jogador, então eu não fui. Aí parei de jogar futebol, tentei jogar no salão, mas também parei. Depois casei, tive três filhas e queria muito um menino, então veio um filho e graças a Deus ele partiu para o lado do futebol. Assim eu comecei a viver ele e esqueci de mim, dou minha vida pelo futebol dele”.

Neste relato, fica explícito o sonho frustrado do pai sendo agora vivenciado pelo filho, a ponto do pai deixar a sua vida para trás e viver junto com o filho o seu sonho de infância.

Entretanto, conviver com a saudade é uma tarefa difícil para os pais que possuem filhos alojados nos diversos clubes de futebol, pois passam a confiar a criação dos jovens por outras pessoas, devido não terem como acompanhar a ida dos filhos para um clube fora de sua cidade. Sendo que, os pais perdem o crescimento de seus filhos, pois o início da carreira de um atleta começa muito cedo, sendo permitido o alojamento a partir dos 14 anos de idade ficando até os 20 em processo de formação, longe da família, a não ser que os pais morem próximos dos clubes. Reduzidas são as famílias que moram próximos dos CTs, pois a maioria dos atletas vem das classes populares e seguem a carreira de futebol em busca de melhoria de vida. Sendo que, muitos pais não possuem o conhecimento de como são as condições de alojamento em que os filhos ficam alojados, tendo contato apenas com os empresários referente as acomodações de seu filho. Conforme relato de uma mãe entrevistada:

“no antigo clube do meu filho, ele permaneceu dois anos alojado e o empresário sempre prometeu me levar para conhecer o clube, porém meu filho foi dispensado e eu não conheci o CT”.

Ao questionar se ela conhecia o atual, a mesma informou que ainda não conheceu devido a não disponibilidade de tempo, em decorrência do trabalho.

Ela conhece apenas o estádio pelo fato de já ter comparecido em um jogo, porém nunca falou com a comissão técnica de seu filho, nem mesmo por telefone, deixando a mercê do empresário.

Em relação ao futebol ser a profissão desejada para a carreira do filho, alguns pais entrevistados relataram que os filhos já “nasceram” com o talento de ser jogador, pois desde pequenos gostam de jogar e com isso, respeitaram a “decisão” do atleta em se tornar jogador, lembrando que, este também é o sonho dos seus genitores. De acordo com um dos pais entrevistado:

meu filho começou a jogar bola com 5 anos de idade, tudo para ele era a bola, o jogo de vídeo game tinha que ser de bola e dentro de casa ele só jogava bola. Foi onde ele começou a quebrar as coisas dentro de casa e eu pensei: tenho que arrumar algo para esse garoto! Foi assim, que eu coloquei ele numa escolinha de futebol, onde ele disputou o campeonato pelos “chupetinhas” e assim foi crescendo no futebol.

Para os pais o que mais importa é a felicidade dos filhos e se eles se encontram bem e realizando seus sonhos, eles os apoiam. Porém, as expectativas em relação ao futuro dos atletas aumentam cada vez que os jovens sobem de categoria, mesmo sendo este um futuro incerto, pois o futebol é uma caixinha de surpresas. Ao mesmo tempo em que ele promete um futuro avassalador, ele também pode ser ingrato e repleto de falsas expectativas. Por isso, é importante que os familiares acompanhem os atletas no período que se encontram alojados, tendo um contato maior com os profissionais que atuam diretamente com os atletas, não deixando a responsabilidade somente com os empresários e procuradores, pois os mesmos vão à busca, muitas vezes, apenas de seus interesses próprios, ocultando fatores importantes sobre a formação do atleta para o familiar.

Devido à maioria dos atletas ingressantes aos centros de formação ser das classes populares e virem de outros estados, o acompanhamento familiar fica cada vez mais distante, sendo que, muitas famílias enviam seus filhos para os clubes visando dar a eles uma melhor condição de vida. Com isso, o atleta continua nesta jornada para poder ajudar a família a sair da situação de vulnerabilidade, sendo que, este papel deveria ser do Estado, conforme a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), embora os cenários estejam mudando e as famílias vêm sofrendo evidências de desproteção e processos de penalidades. Por mais que a saudade seja

constante, a prioridade de muitos pais que se encontram nessas situações é a sobrevivência do filho.

De acordo com esta alusão da mídia em relação a ascensão social no futebol, as próprias famílias passam a incentivar a carreira do futebol para os jovens achando que esta é a forma mais fácil de saírem de situações vulneráveis. Os jovens que se inserem no mundo futebolístico contam com o apoio das famílias, pois o esforço para seguir esta carreira inicia cedo e pode durar em torno de dez anos de dedicação do atleta, nesse caso a família possui o papel de apoio que se faz presente nesta trajetória. Entretanto, o acompanhamento familiar é cada vez mais escasso tendo o impedimento econômico como barreira, dificultando a aproximação com o atleta e ficando a mercê de empresários e procurados.

Os atletas que desejam seguir carreira profissional no futebol e possuem o talento com a bola são bem vistos por empresários, agremiações e federações, tendo o jogador como uma fonte de geração de lucros a partir do momento em que os contratos começam a ser assinado, porém, entra em questão a base familiar do atleta, pois muitas crianças e jovens que ingressam nessa profissão também são vistos como uma fonte de lucros para as famílias, que vêem no atleta um respaldo financeiro.

Com isso, muitos familiares conseguem dominar o psicológico do atleta, utilizando de sua condição financeira para transferir a responsabilidade de sustento da casa para o jogador. Assim, o jogador submete-se a continuação de sonhos que muitas vezes não são deles e sim, da família, que busca uma melhor condição.

O futebol é uma máquina perversa, a qual não somente os clubes e empresários visam lucrar com o “celeiro de craques” que o Brasil possui, mas também, muitos familiares veem seguindo esta dinâmica, sendo que, muitos parentes de atletas estão atuando como empresários e procurados, em busca de contratos milionários, expondo os atletas a diversas situações. Nesta situação, temos, por exemplo, o ex-prodígio Santos Futebol Clube, Jean Chera, a qual, depois de uma oferta gananciosa de seu pai em relação ao seu passe, encerrou contrato com o time paulista e, atualmente, depois de diversas negociações mal sucedidas, desistiu do sonho de ser jogador profissional.

Deste modo, são muitos os pais que se colocam no lugar de empresários dos filhos, esquecendo-se de suas responsabilidades como “pai” de um atleta mirim, que antes de um empresário precisa de familiares presentes em sua vida para que seu grande sonho venha alavancar.

Muitos pais acham que possui em casa um grande astro do futebol, depositando em seu filho altas expectativas de triunfo em meio a um mundo altamente competitivo, tornando-se um grande problema para os atletas, pois gera uma intromissão forte por parte das famílias na vida do atleta fazendo com que o mesmo não renda o esperado, influenciando em sua carreira em campo e também, extracampo. Em muitas situações, o pai se coloca no lugar de treinador, efetuando uma cobrança exacerbada sobre o filho. Em alguns casos, o prazer de jogar futebol acaba e passa a vigorar apenas a vontade do pai. Para estes atletas o jogo passa a ser uma obrigação e condição para que o familiar sinta orgulho. Esse tipo de comportamento pode afetar totalmente a vida do atleta em formação, podendo causar baixa autoestima, irritabilidade, sentimentos de desespero, desencadeando assim, uma depressão.

É certo, que em alguns casos, o plano dos pais de virar empresário dos filhos acaba dando certo e, assim, família e jogador seguem no caminho do sucesso. No entanto, para que este caminho continue sendo exitoso, o familiar terá que saber separar a hora de tratar o filho como um filho e a hora de gerenciá-lo no mercado. Entretanto, há um grande problema quando os pais tratam os filhos apenas como mercadoria, depositando no jovem atleta a salvação da família.

De acordo com as entrevistas efetuadas, os pais acham importante que cada atleta possua o seu empresário/procurador e que eles possam somar junto com empresário para a atuação de seus filhos, ajudando na parte motivacional e de desempenho, sabendo criar seus filhos para se tornarem futuros jogadores de caráter, pois a relação de pais e filho é indelével, porém o empresário possui mais experiência no mercado do futebol tomando decisões melhores que muitos pais poderiam tomar frente a negociações e problemáticas referentes ao atleta em formação. De acordo com o relato de um dos pais entrevistados:

“Eu conversei com meu filho e disse que não iria me meter na vida profissional dele, pois eu tirei ele de um clube e todos me disseram que eu estava acabando com a carreira dele. Por isso ele tem um

procurador e eu só irei me meter na educação e na parte disciplinar dele”.

Contudo, poucas são as famílias que compreendem o desejo do filho em se tornar jogador de futebol, deixando que ele se posicione em relação ao seu futuro, não antecipando as etapas de formação de desenvolvimento da criança, pois alguns pais acham que seus filhos, por gostarem da modalidade, dominam o mundo da bola, depositando as suas expectativas, vontades e também sonhos na criança que apenas gosta de jogar futebol.

2.3 PERSPECTIVAS DOS ATLETAS EM RELAÇÃO AO FUTURO NO FUTEBOL

Atualmente, diversos jovens vêm se esforçando para concretizar seus sonhos no mundo do futebol, porém é uma caminhada de muito ardor, onde o sonho de ser um jogador profissional acaba sendo frustrado em questão de segundos, sem que o próprio jovem perceba o tamanho do abismo em sua frente. O universo do futebol fascina e alimenta milhões de sonhos pessoais e também familiares de jovens atletas, sendo que, são poucos que conseguem continuar neste sonho, tornando-se ilusório para a maioria dos adolescentes e jovens que escolheram o futebol como um projeto de vida.

Como em um funil, muitas crianças ingressam em escolinhas de futebol e participam de peneiras a espera da realização de seus ideais, porém são poucos os que seguirão na carreira, sendo que, o número ainda diminui entre os que se destacam em grandes times ou que são escolhidos como a estrela do futebol, pesando sobre o atleta a responsabilidade pelo seu sucesso e sua carreira futura. Conforme o coordenador da base salienta:

“poucos realmente se tornam jogadores de sucesso em um ambiente onde tem muitos, eles são muito concorrentes do processo”.

A jornada de um atleta de futebol não é a das mais fáceis como todos devaneiam. Os jogadores começam suas rotinas no futebol muito cedo, deixando para trás toda sua infância para a vivência deste grande e difícil sonho. Pois, muitos atletas relatam o quão penoso foi chegar até o clube, e que nesta jornada muitas coisas foram sacrificadas, dando total preferência ao futebol. Assim, de peneira em peneira e sem desistir, este sonho de se tornar jogador profissional continua sendo alimentado e mais sonhado para um atleta. Porém, todo o investimento na formação da carreira de jogador pode não ter tanto valor no mercado de trabalho, caso o sonho do atleta não venha a ser concretizado.

De acordo com o relato da mãe de um atleta entrevistado:

quando ele começou a treinar numa escolinha, antes de ir para o clube Atlético Paranaense, eu era cobradora de ônibus e muitas vezes ele ia treinar e passava fome porque eu só tinha o dinheiro da passagem para pagar o ônibus para ele, pois morávamos distante do

local de treinamento e ele tinha que pegar 3 ônibus para chegar e havia dias que eu só tinha o dinheiro da passagem. Ou ele acordava bem cedo e tomava um café preto e ia, ou ele não ia para o treinamento, pois nem dinheiro para comprar pão havia em muitos dias e se eu pagasse o ônibus não teria dinheiro para ele fazer um lanche. Ele tinha que ir pela manhã porque a tarde ele estudava. Teve uma vez que ele vomitou de tanta fome, depois de passar a manhã toda treinando sem comer. Mesmo assim, ele não quis desistir do futebol.

Assim, pode-se perceber um pouco sobre a submissão dos atletas para alcançar o tão desejado sonho de ser jogador.

Para alguns jovens o desejo de ser jogador de futebol possui influência de outras pessoas e quando desejam encerrar com a carreira de jogador, sofrem com a pressão imposta muitas vezes por seus familiares.

De acordo com entrevistas efetuadas com os atletas das categorias de base do Avaí Futebol Clube, foi questionado sobre a influência dos pais, familiares e pessoas próximas em relação à profissão de jogador de futebol. Raros são os atletas que descrevem suas trajetórias no futebol como um desejo dos pais e outros, embora é importante destacar que alguns pais que foram entrevistados foram jogadores de futebol no passado, porém com seus sonhos frustrados devido ao fato de o jogador de futebol antigamente ser considerado um malandro e com isso, não tinham apoio de seus familiares para a continuação da carreira. Entretanto, o apoio aos seus filhos é indestrutível, a ponto de, em alguns casos, deixar suas vidas para trás e acompanhar seus filhos na carreira do futebol. Desse modo, vivenciam um pouco de seu passado na vida dos filhos. Em relação aos demais familiares, o apoio aos atletas começa a surgir depois de eles já estarem em uma categoria mais elevada, avançando para o profissional, pois acham que os atletas já estão ganhando altos salários e com isso depositam uma expectativa maior no jogador.

Muitos atletas vêm de camadas populares de todo o Brasil e depositam todas as suas esperanças em uma mudança de vida no futebol, por este motivo, acreditam que todo esforço é válido, não se importando com as diversas situações precárias que se encontram. O que importa para eles é dar a família uma oportunidade de mudança de vida.

Para que seja possível tornar esse objetivo concreto, a maioria dos atletas procuram se profissionalizar e ir jogar no exterior, pois o futebol

estrangeiro remunera melhor seus profissionais. Mesmo jogando em times pequenos, as perspectivas de salários são um pouco melhores e a esperança de receber em dia também.

De acordo com Jacobs e Duarte (2006), 82,41% dos 19 mil atletas profissionais brasileiros que atuam no país não ganham mais que dois salários mínimos por mês e apenas 3,57% recebem mais que vinte salários mínimos, sendo esta pesquisa baseada nos registros de 2002 da CBF.

O mercado futebolístico no Brasil possui um grande peso referente à exportação de nossos jogadores para a indústria do futebol exterior, representando em torno de 40% das exportações brasileiras. Ao conversar com os jovens atletas foi possível perceber o desejo que possuem para serem convocados para um time da Europa que possui mais visibilidade e condições financeiras um pouco melhor que o Brasil. “Esse cenário criou um tipo específico de produção de jogadores que visa prioritariamente o mercado exterior. Os jovens recrutados para os centros formadores passam a ter como meta profissional a migração de outros países.” (SOARES e BARTHOLLO, 2010, p. 4). É nesse ponto que muitos jovens também se frustram, pois a transferência para o exterior não é uma tarefa tão simples, do mesmo modo que muitos jogadores brasileiros vão para o mercado exterior, são muitos os que retornam para o Brasil com suas idealizações desconstruídas, pois diversos jovens atletas que saem do país, jogarão em times da segunda e terceira divisão e não em um time com uma boa posição, sendo que, não somente as promessas não são cumpridas pelo time de fora, como também o dinheiro transforma uma proposta tentadora em uma frustração profissional. Problemas de adaptação do atleta em outro espaço cultural também contribuem para o insucesso. Com isso, o futebol, infelizmente, tornou-se numa máquina de formação de pessoas com ênfase apenas no corpo, onde só se possui visibilidade enquanto seu rendimento está em bom estado, caso contrário, os jovens não passam de apenas mais um dos milhares de sonhadores do futebol, pois para permanecer em um time o que mais conta é o rendimento. O atleta que não rende, não tem como servir para um time. Devido a diversos fatores, os atletas acreditam que está cada vez mais difícil fazer a carreira apenas no Brasil, tendo que recorrer às oportunidades surgidas no exterior.

Com essa supervalorização do corpo um dos grandes medos dos jogadores das categorias de base em relação ao futebol é sofrer alguma fratura, pois sabem que dependendo da gravidade, se tornar um jogador renomado não será mais possível. É certo que, o atleta que se machucar no clube será primeiramente avaliado e após o processo de recuperação e retorno ao campo é que o mesmo poderá ser dispensado caso não renda mais como o desejado, pois no processo em que o atleta fica inativo, perde todo o seu condicionamento físico adquirido ao longo do processo de formação. Contudo, para que não haja uma perda total dos condicionamentos físicos dos atletas contundidos, os preparadores físicos recorrem a outras estratégias para manter os atletas em atividade e assim, evitar que o mesmo seja futuramente dispensado.

Outro fator importante que dificulta a vida de um atleta é à distância da família, pois muitas vezes bate a saudade de casa e o atleta reflete isto em campo, muitas vezes tendo outro comportamento ou se reprimindo na equipe. Esta é uma das maiores demandas que o psicólogo do esporte enfrenta em relação ao seu trabalho com o atleta. Durante a pesquisa, ao conversar com os jovens referente ao que lhe dificulta ao estar recrutado, eles respondem que é difícil lidar com a ausência da família, sendo que, muitas famílias não tem conhecimento do lugar em que os filhos estão alojados, quem são seus colegas e treinadores. É notório o quanto a família pode impactar um jovem atleta que se encontra recrutado em um clube de futebol. A ausência dela pode provocar abalos não apenas psicologicamente, mas também fisicamente, pois para um atleta ter um elevado nível de rendimento, o mesmo precisa estar em harmonia com a mente e o corpo. Porém, o desejo de obter sucesso profissional e melhores condições financeiras para poder ajudar suas famílias torna-se a principal motivação para suportar toda a saudade e superá-la em campo. O ingresso de uma criança nas categorias de base em condições de alojamento, em particular, pode acarretar diversos traumas psíquicos devido a quebra de vínculo familiar e por isso deve-se ter um acompanhamento contínuo destes atletas ingressantes ao mundo do futebol.

Outro sonho muito almejado pela grande maioria dos jogadores de futebol é a utilização da “Camisa 10”², que denota o quão bom o atleta é, pois para a conquista da mesma, o jogador passa por vários processos no jogo, tendo ele que mostrar sua habilidade com a bola e entender das táticas dos jogos, sendo o cérebro do time. Assim, o jogador nomeado a utilizar esta camisa é considerado um “craque” do futebol, conseqüentemente, transformando-se no ídolo da partida e torcida. Este desejo de se tornar o “camisa 10” cresce a cada dia devido à manipulação da mídia, enfatizando que somente o melhor dos jogadores poderá vestir esta camisa.

Entretanto, para um jovem atleta conseguir alcançar todos estes objetivos dentro do centro de formação não bastam apenas ter o dom de jogar bola, pois este dom precisa ser lapidado, como afirmam os profissionais que atuam neste mundo. Neste período de formação, os jovens atletas passam por um processo de “lapidação” a qual o clube investe na formação do atleta para que, futuramente, o jogador formado possa trazer retorno ao clube formador.

Porém, é um processo longo e que requer muita dedicação e comprometimento do atleta, seguindo disciplinarmente a rotina do clube e efetuando um exaustivo trabalho corporal e mental.

O período de formação do atleta é um dos períodos mais importantes de seu desenvolvimento social, assim, cabe aos clubes formadores a formação não apenas de grandes craques, mas sim, de indivíduos sociais. E também, cabe ao clube a formação de atletas preparados para uma vida fora de campo, pois o mercado do futebol esta cada vez mais competitivo, tendo um elevado número de jovens competindo por poucas vagas nos clubes de formação. A escola é uma dos principais fatores para o desenvolvimento de uma pessoa, porém está longe de ser o caminho da ascensão social para muitos desses jovens que desejam o futebol como carreira. São poucos os jovens que desejam continuar estudando após terem o futebol como início da profissionalização, tendo como respaldo o dom de jogar bola a qual o futebol tornou-se a promessa das transformações de vida e realizações de sonho.

² De acordo com Abrahão (2007, p. 2 e 3) “o mito da famosa “camisa 10” iniciou com Pelé na Copa do Mundo de 1958”. Sendo que a verdadeira relação da “camisa 10” refere-se à posição dos jogadores que utilizavam a camisa 10, sendo eles considerados ponta de lança. Com a indústria da mídia tornando o futebol em espetáculo, o jogador que veste a “Camisa 10” não é mais um jogador qualquer e sim, o que desperta a atenção do time adversário, pois o jogador que a veste atrai todos os olhares.

Segundo Alvez-Mazzotti (1994, *apud* SOARES *et. al* 2011, p. 7) quanto menos universo cultural possua o jovem no ambiente familiar, mais ele aposta em profissões que não dependam diretamente da escolarização. Isto fomenta a quantidade de jovens que veem no futebol um futuro magnífico com um grande prestígio social, sendo as maiorias oriundas das camadas populares. Entretanto, os salários dos jogadores de futebol no Brasil em geral são baixos, tornado distante o sonho de prestígio para o jogador de categorias de base que deseja se tornar astro do futebol mundial. Contudo, mesmo em meio a tantas contradições e dificuldades no futebol brasileiro, nada esmorece o desejo e a perseverança desses garotos para se tornarem jogadores profissionais, mesmo sabendo que o caminho até lá é estreito.

“Espero ir para o exterior e me realizar fora do Brasil, assim, realizarei meu sonho e também, o sonho da minha família”, relatou um atleta entrevistado.

As trajetórias dos jovens até chegarem ao centro técnico de formação são as mais variadas possíveis, desde o menino que passava fome, pois só tinha o dinheiro para a passagem de ônibus e passava o dia inteiro fora de casa treinando, como já foi relatado, até aqueles que possuíam totais condições e começaram a treinar nos *Fair Player*. Mesmo com tanta diferença, os jovens compartilham os mesmos sonhos nos gramados e também das mesmas apreensões, sendo esta a temida dispensa.

Para os atletas das categorias de base que almejam a profissionalização, cogitar a possibilidade de dispensa é algo que está fora do jogo. Vários motivos levam um atleta ser dispensado, sendo que, se o mesmo possui um nível técnico elevado dos demais atletas dentro do campo, não há fatores que o façam ser dispensados. Porém, se o atleta não estiver mais rendendo dentro de campo os fatores extracampo também influenciam na tomada de decisão da comissão técnica referente ao desligamento do jogador das categorias de base. O coordenador da base, em entrevista relatou que:

“o menino que sofre uma lesão dentro do campo não é dispensado após ser tratado, pois ele passa por um processo de adaptação novamente e caso ele não venha mais render, depois de todo o processo de reintegração ao campo é que poderá ser dispensado conforme os demais atletas”.

Por outro lado, de acordo com um atleta que também foi entrevistado, relatou que:

sofri uma lesão no joelho em um clube e assim que voltei da recuperação fui dispensado, haviam 4 goleiros e eles precisavam dispensar um. [...] Eu senti que foi devido a lesão pois não souberam me explicar direito o motivo da dispensa, sendo que me elogiavam tanto.

O futebol, ao mesmo tempo em que forma atletas ele também os marginaliza, danificando-as a partir do momento que se preocupa apenas com a fragmentação do ser humano enfatizando que ele é apenas um atleta, não trabalhando o mesmo de forma geral e integral a ponto de o atleta não render mais futebol e ser dispensado. Assim, no mesmo momento em que o futebol serve para amenizar a marginalização do povo, ele mesmo marginaliza aquele que faz parte de sua estrutura. Entretanto, um atleta no processo de formação não se intimida pelas más influências do futebol, tendo ele um único objetivo: se tornar profissional e enriquecer com o jogo.

Portanto, os jovens que escolhem o futebol como carreira profissional enfrentarão diversas pressões em sua longa e árdua caminhada por esta máquina de sonhos em que o futebol se tornou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi abordado ao longo deste estudo, os jovens veem no futebol o meio mais fácil de realização de seus sonhos, idealizando a conquista de uma boa situação financeira num curto período de tempo, deparando-se com outra realidade após ingressar no processo de formação.

Com a realização desse estudo, pode-se concluir que o futebol é um dos maiores fenômenos sociais do Brasil, a ponto de fazer com que a identidade brasileira seja representada através do mesmo. Primeiramente, este esporte era jogado e apreciado apenas pela elite e estrangeiros aristocratas, porém logo ganhou seu espaço no mundo, contemplando assim, todas as classes sociais. Sendo ele praticado nas escolas, fabricas exército, ruas, etc.

Com a entrada do profissionalismo no futebol, o mesmo transformou-se em esporte-espetáculo, onde a mídia passou a alienar e manipular as mentes do povo associando valores morais e expectativa de mudança de vida para milhares de pessoas, sendo elas: crianças, adolescentes, jovens e familiares. Assim, o futebol começou a ser visto como um meio da pessoa entrar pobre e sair milionária, contudo, em média apenas 8% dos jogadores profissionais fazem parte de elitização do futebol.

A expectativa dos jovens que se encontram recrutados nos alojamentos dos clubes de futebol é a da chegada ao profissionalismo e da conquista de ascensão social nos clubes dentro e fora do Brasil, acreditando que o futebol internacional é mais valorizado do que o futebol nacional. Porém, caso este sonho vire pesadelo, a maioria dos jovens não possuem um plano “b”, achando que se tornarão jogadores de sucesso e é somente isso que importa. Já os pais, de acordo com a pesquisa efetuada, relatam que incentivam seus filhos em relação à escola, para que, se o sonho de se tornar jogador vier a ser frustrado, eles poderão continuar na carreira como um técnico, preparador físico, coordenador e as demais funções que imperam o mundo da bola.

No Centro de Formação do Avaí, os jovens são estimulados a estudar, sendo que, é obrigatoriedade dos clubes de formação a garantia do direito a educação para o atleta, podendo este escolher em continuar estudando ou não após o término do ensino médio. Assim, cabe ao clube formador e aos

familiares saber mediar os desejos dos atletas, garantindo todos os seus direitos de acordo com os regulamentos do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O Avaí F.C como entidade formadora, possui todo aparato necessário para a formação de atletas no esporte de alto rendimento, garantindo um bom vínculo dos atletas com o clube formador. Embora, a principal preocupação está relacionada às revelações e formações de novos talentos que possam gerar recursos financeiros, visando assim, a lógica do mercado. Os jogadores de base são as matérias primas a serem moldadas de acordo com as demandas do mercado para que, chegando ao produto final (formação do “craque” da bola) possam ser negociadas.

A vida profissional de um jogador de futebol é muito curta e os jovens buscam nisso, a independência financeira em um período de tempo curto também, para que assim, possam minimizar os problemas familiares. Pois, conforme a alienação da mídia sobre o povo, o futebol passou a ser o meio em que o atleta entra sem nenhuma condição financeira e sai dele milionário.

Cabe a todo centro de formação de atletas, o acompanhamento dos atletas que ali permanecem alojados, dando assistência e auxiliando na vida pessoal do atleta junto a seus familiares, capacitando seus profissionais para a formação não apenas de jogadores de futebol, mas de cidadãos de direito, que possuem também, outras demandas e necessidades além do futebol.

Contudo, a crescente movimentação do mercado da bola aguça a expectativa dos jovens que pretendem o futebol como formação profissional, e que avistam nesse esporte a possibilidade de um futuro promissor, fazendo com que, os investimentos (financeiro e corporal) iniciem temporariamente. A família, na maioria dos casos estudados, também é a base principal para que o atleta siga esta carreira, tendo ela o poder de influência sobre o filho que ainda se encontra em processo de desenvolvimento. Entretanto, o mesmo modo que a presença da família na vida do atleta é bom, em excesso pode atrapalhar em seu desenvolvimento em campo, devido a pressão exercida por alguns pais, sendo estes, os que se colocam na posição de empresários e tratam seus filhos como uma mercadoria a ser comercializado.

Entre as alegrias e devaneios, nas saudades expressas em alguns momentos de renúncia e na incumbência de permanecer firme na jornada,

seguem os atletas das categorias de base do futebol na busca da tão idealizada ascensão social no mundo futebolístico, mas o sonho é mediado pelas relações do mercado.

Assim, esta temática abre o leque para estudos mais aprofundados que visam compreender melhor o mundo do futebol e seus significados, para indivíduos e suas famílias, em seu cotidiano atravessado pelas mais diversas expressões da questão social, perpassando as quatro linhas do campo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, B. O.L. *et al.* “Camisa 10” do futebol como um símbolo na manutenção da identidade nacional: o discurso da mídia. **Revista Esporte e Sociedade**. ano 2, n.6, Jul./Out.2007.
- BRASIL. Lei Federal n.11.439 de 29 de dezembro de 2006: Dispõe sobre **Incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências**. Brasília, DF, 2006.
- BRASIL. Lei Federal n.9.615 de 24 de março de 1998: **Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências**. Disponível em: <www.aomec.com.br/menu_lateral/esporte_rendimento.html> Acesso em: 10 jun. 2016.
- BRASIL. Lei Federal n.6.354 de 02 de setembro de 1976: **Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6354.htm> Acesso em: 10 jun. 2016.
- BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% Profissional**. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **Lei Pelé Comentada**. Disponível em: <<http://www.cbo.org.br/assets/gerenciador/Secretaria/Legisla%C3%A7%C3%A3o/LEI%20PELE%20COMENTADA.doc>> Acesso em: 10 jun. 2016.
- COSTA, L. M. da. O negro no futebol brasileiro: entre a História e a Literatura. **Revista UNIABEU** Belford Roxo v. 3 n. 5 set/dez. 2010.
- Damo, Arlei. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2005.
- _____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.23, n.66, p. 139-150, 2008.
- DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. 2.ed.Campinas: UNICAMP, 2003.
- FERNANDES, L. F. F. **A gestão dos clubes de futebol como clube empresa**: estratégias de negócio. Tese de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. Porto Alegre, 2000.

FERREIRA, D. D. P.; PAIM, M. C. C. Estruturação das categorias de base no futebol. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 16, n.158, jul. 2011.

GASTALDO, E. O "país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, v. 22, p. 352-369, 2009.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

JACOBS, C. S.; DUARTE, F. **Futebol Exportação**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

LIMA, M. A. de. **As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil**. São Paulo. 2002.

MARQUES, L. A. M. **Mídia e Futebol**: A paixão de explica?. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2003.

MASCARENHAS, G. Construindo a "pátria de chuteiras": elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. *In*: **XVIII Encontro Estadual de Geografia**: Sant'Ana do Livramento/Brasil – Rivera/Uruguais, 11 a 14 de maio de 1998, p.93-103.

_____. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. *In*: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p.. 67-85. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>> Acesso em: 12.nov.2016.

MAXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v.13 n..37, São Paulo, Set./Dez.1999.

PIVATTO, Julimar. Futebol com as mãos na Grécia e com violência em Roma. **Jornal de Santa Catarina-Blog Protofutebol**. 06 de setembro de 2011. Disponível em: <0 <http://wp.clicrbs.com.br/protofutebol/2011/09/06/futebol-com-as-maos-na-grecia-e-com-violencia-em-roma/?topo=52,2,18,,159,e159>>. Acesso em: 19.out.2016.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**.1998. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. Ética e futebol no Brasil: Argumentos para reflexão. **Revista Esporte e Sociedade**. Campinas, a. 2, n.5, mar./jun.2007.

RIAL, C. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez.2008.

_____. Televisão, futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas copas do mundo. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 18, p. 15-32, jan. 2002.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21103/19729>>.

Acesso em: 14 jun.2016.

RIGO, L. C.; TORRANO, C. V. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 191-210, maio 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/34314>>. Acesso em:

29.nov. 2016.

SILVA, J. B. L. da; VERÇOZA, R. M. **Centroavante**: uma resenha sobre o futebol de base no DF. 2013. 72 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOARES, A. J. G; BORTHOLO. T.L. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**.v.33, n. 4, 2011, p.905-921. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>>. Acesso em: 10.out.2016.

STEIN, L. A criação das regras e a expansão do futebol pelo mundo. 23 de outubro de 2013.**Trivela**. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/150-anos-de-futebol-a-criacao-e-a-expansao-das-regras/>>. Acesso em: 10.nov.2016.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.;VAZ, A. F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**.v.33, n. 3, 2007. p.499-512. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022007000300008>>. Acesso em: 08.out.2016.

TRINDADE, D. P. **Futebol**: Formação e criação de competências. Monografia (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

APÊNDICE I – roteiro de questionário para pesquisa interdisciplinar nas Categorias de Base do Futebol

Bloco I – Atletas

- 1 – Onde você nasceu? Idade ou ano de nascimento.
- 2 – O que o futebol significa para você?
- 3 – Por que o sonho de se tornar jogador de futebol? Teve alguma influência?
- 4 – Quais suas expectativas para o futuro?
- 5 – Você poderia me contar sobre sua trajetória até chegar ao futebol?
- 6 – Que tipos de dificuldades você encontra no futebol?
- 7 – Teve incentivo da família para iniciar os treinamentos?
- 8 – Como você chegou até o CT do Avaí? Teve indicação de alguém?
Participou de peneira?
- 9 – O Avaí é o seu primeiro Clube?

Bloco II – Famílias

- 1 – Em relação ao seu filho, você o apoia em relação ao futebol?
- 2 - Quais suas expectativas em relação ao futuro de seu filho no futebol?
- 3 – O futebol foi a profissão que o senhor (a) sonhou para seu filho?
- 4 – Qual a sua reação quando seu filho escolheu ser jogador de futebol?
- 5 – Como é lidar com a ausência de seu filho? E com qual frequência vocês mantem contato?
- 6 – O (a) senhor (a) conhece o clube em que seu filho está alojado?

Bloco III – Treinador

- 1 – Quais os critérios de avaliação para aprovação e permanência de um atleta no clube?
- 2 – Quais as maiores dificuldades dos atletas após passarem pela peneira?
Como treinador, você os capacita também para o mundo fora de campo?
- 3 – Quais são as dificuldades que um treinador de categoria de base enfrenta?

4 – Como é avaliado os resultados dos atletas? E quais dos critérios avaliados que levam a dispensa de um atleta?

5 - A profissionalização e sucesso na carreira é um sonho de todos os jovens. Como você observa aqueles que não conseguem continuar na carreira de atleta?

Bloco IV – Coordenador da Base

1 – Como funciona a categoria de base e qual a sua relação neste meio?

2 – Como se dá o trabalho multidisciplinar entre as equipes?

3 – Quais os critérios de avaliação para aprovação e permanência de um atleta no clube?

4 – Através de quais critérios são planejadas as atividades das categorias?

5 – Quais as são suas maiores demandas de trabalho?

6 – Como se dá a relação entre o coordenador da base e a comissão técnica e diretoria e entre o coordenador da base com os atletas?

Bloco V – Empresário

1 – O que levou o senhor (a) investir na carreira do atleta?

2 – Há quanto tempo o senhor (a) trabalha como empresário?

3 – Qual sua relação com os atletas?

4 – Que tipo de investimento é dado aos jogadores?

5 – Como é feito o contato com os atletas e com o clube?

6 – Quais os critérios utilizados para negociar um atleta?

7 - A profissionalização e sucesso na carreira é um sonho de todos os jovens. Como você observa aqueles que não conseguem continuar na carreira de atleta?

Bloco VI – Assistente Social

1 – Como é feito o primeiro contato do atleta com o Serviço Social?

2 – Como se dá o contato do assistente social com as famílias?

3 – Até em que ponto é efetuado as demandas do Serviço Social nas Categorias de Base?

4 – O assistente social possui voz ativa dentro da comissão técnica?

5 – Quais são as demandas de trabalho de um assistente social nos clubes de futebol?

Bloco VII – Psicólogo

1 – Qual o primeiro contato do psicólogo com o atleta?

2 – Quais as maiores demandas enfrentadas pelo psicólogo na busca de um melhor condicionamento psicológico dos atletas para ter bons resultados em campo?

3 – De acordo com pesquisas já elaboradas com os atletas, qual a maior dificuldade que o atleta encontra após passar na peneira?

4 – Como é feito os atendimentos individuais e suas maiores demandas?

5 – Através de sua experiência, qual o maior desafio para o psicólogo que trabalha em clubes de futebol?

6 - A profissionalização e sucesso na carreira é um sonho de todos os jovens. Como você observa aqueles que não conseguem continuar na carreira de atleta?